



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

O Processo de Ser Mãe Pela Primeira Vez -
numa grávida da etnia *Papel* (Guiné Bissau)

Sarha Haila Pereira de Menezes

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Maria Emília Marques

Professor de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Emília Marques pela paciência, compreensão, disponibilidade e partilha do conhecimento, permitindo que este desafio, com todo o seu percurso, chegasse a bom porto, contribuindo positivamente para uma maior capacidade reflexão e para o crescimento pessoal.

À Júlia por ter-me aberto as portas ao seu mundo permitindo que entrasse e conhecesse, partilhando connosco os seus sentimentos e a sua experiência, e ao Luís por ter-nos posto em contacto com ela.

À Dra. Sara Belo por toda a compreensão, assistência e apoio ao longo do meu percurso no ISPA, sendo incansável e mostrando-se sempre disponível.

À minha família, à qual sou eternamente grata, por todo o amor, apoio, compreensão, estímulo, motivação e força que foram, e vão, sempre dando ao longo da vida, especialmente quando são essenciais para que eu possa continuar a acreditar e seguir.

A todos os meus amigos que também foram essenciais neste processo, apoiando e incitando. Em especial à Encapada, à Bárbara e à *Mummy* que em diferentes momentos contribuíram para que conseguisse olhar e pensar segundo novas perspectivas, ajudando a clarificar o pensamento e a diminuir as angústias. E aos *ajuntados* pelo suporte e por caminharem sempre comigo.

A todos os que com quem ao longo deste percurso me fui cruzando e foram contribuindo das mais variadas formas para que fosse um trabalho e um processo verdadeiramente enriquecedor.

À minha avó, que é uma lutadora! E ensina-nos a acreditar e a nunca desistirmos de nós.

Resumo

O presente estudo parte da necessidade de conhecer e compreender os processos transformativos experienciados por uma grávida guineense, mãe pela primeira vez, pertencente à etnia *Papel*. Interessados nas relações intra e intersubjectivas estabelecidas por esta gestante durante o terceiro trimestre de gravidez, e na influência que a cultura poderá ter na formação da sua identidade de grávida, procurámos descobrir qual o lugar, ocupado e atribuído, do bebé no mundo interno desta gestante.

Para aceder ao nosso objectivo, foi realizado um estudo de caso exploratório onde recorremos a dois instrumentos metodológicos: a prova de Rorschach e a Entrevista Narrativa de Associação Livre, de Hollway & Jefferson. Estes instrumentos foram considerados os mais adequados uma vez que permitem o acesso ao mundo interno e subjectivo da participante, mostrando-nos as associações, emoções e identificações derivadas da experiência vivida. Posteriormente foi realizada a discussão e a reflexão, tentando compreender a importância da integração dos vários papéis da gestante, como mulher, criança e grávida e as transformações psíquicas vividas, condicionadas pela cultura, pela relação com os outros e pela mudança experienciada na formação desta nova identidade.

Palavras-chave: Identidade da grávida, Transformações, Cultura, Rorschach, Entrevista Narrativa de Associação Livre

Abstract

This study emerges from the need of understanding the transforming processes experienced by a first time pregnant Guinean National woman, belonging to the *Papel* culture. Through focusing on the intrasubjective and intersubjective relations established during the third trimester of pregnancy, and in the influence that culture might have on the formation of the pregnant woman's identity, we tried to find the place that this baby has in the inner world of his mother.

To achieve our aim we made an exploratory case study using two methodologic instruments: Rorschach test and the Free Association Narrative Interview (FANI), from Hollway & Jefferson. These instruments were considered the most appropriate since they give access to the inner and subjective world of the participant, revealing the associations, emotions and identifications coming from the life experienced. Subsequently, a discussion and reflection took place, with the purpose to understand the psychic modifications and the relevance of the integration of our participant's different roles, as a woman, as a child and as a pregnant woman, in the formation of this new identity, which are conditioned by the culture, the relationship with others and the experience itself.

Keywords: Pregnant identity, Transformation, Culture, Rorschach, Free Association Narrative Interview

Índice

1. Introdução	1
2. O Processo de ser mãe pela primeira vez	5
3. Metodologia	11
3.1 – Tipo de estudo	11
3.2 – Método de Rorschach	12
3.3 – Método de Entrevista Narrativa de Associação Livre (FANI)	14
3.4 – Apresentação da participante	15
3.5 – Recolha de dados	16
4. Análise de dados	19
4.1 – Análise do protocolo	19
4.2 – Análise da entrevista	28
5. Discussão	44
6. Conclusão	51
7. Referências Bibliográficas	53
8. Anexos	56
9. Anexo A – Protocolo de Rorschach, Júlia 20 anos	57
10. Anexo B – Psicograma Júlia	60
11. Anexo C – Transcrição da Primeira Entrevista	61
12. Anexo D – Reflexão após a entrevista de dia 20 de Março	73
13. Anexo E – Transcrição da Segunda Entrevista – Júlia	74

1. Introdução

Uma gravidez pode ser sonhada, desejada, planeada ou mesmo inesperada e a forma como a mulher vivencia o período que antecede a concepção do feto vai influenciar o modo como vai aceitá-lo e recebê-lo, podendo existir uma maior disponibilidade psicológica para a integração deste novo ser, ou para a rejeição do mesmo. Segundo Camacho, Vargens, Progianti e Spíndola (2010) engravidar inesperadamente pode ser experienciado como uma invasão ao corpo da mulher, de algo que se instala sem pedir permissão, gerando inevitavelmente conflitos internos, uma vez que mesmo quando a gravidez é algo planejado ou esperado, existe alguma ambivalência entre a expectativa da realização do desejo de ser mãe e a ansiedade devido ao conjunto de mudanças que esta nova etapa implica.

O processo de ser mãe pela primeira vez, independentemente do nível de diferenciação, experiência e percurso de vida, é constituído por um conjunto de alterações físicas, psicológicas e sociais, vivenciadas pela gestante, que resultam sempre na mudança e na reconstrução da identidade (Hollway, 2009). Algumas destas transformações derivam da emersão dos desejos, memórias e fantasias do inconsciente, resultantes da relação estabelecida entre os objectos internos e externos, iniciando-se, muitas vezes, a partir do momento em que a mulher começa a sonhar/imaginar a gravidez e o bebé.

Com a confirmação da gravidez, surgem os conflitos internos entre a individualidade e a intersubjetividade, uma vez que as necessidades e desejos do bebé, um ser vulnerável e dependente, só poderão ser satisfeitos através mãe (Hollway, 2010). Nesta relação a grávida passa a colocar as suas necessidades e desejos em segundo plano, procurando satisfazer as do seu bebé, o que identificamos como parte da criação da subjectividade materna. Este é um dos principais conflitos vividos pela gestante durante o processo de formação desta nova identidade, a identidade da grávida, formação essa que é também condicionada pelo meio que a rodeia e pela cultura a que a gestante pertence *“This simultaneity of the historical-cultural determination of what it means to be a mother and the unique first timeness of the experience mean that new motherhood identities should not be understood simply as pre-given and externally produced, but as developed and creatively made by mothers themselves out of the social, material and psychic resources available in their external settings, their relationships, their life histories and current experiences.”* (Elliott, Gunaratnam, Hollway and Phoenix 2009).

Em alguns dos estudos que realizou (2009; 2010; 2012), Hollway reforça o impacto e a importância que a cultura e o meio poderão ter na forma como as mulheres sentem e agem neste momento transformativo. Mais do que um espaço limitador e impositor, a cultura deverá ser reconhecida como um espaço aberto e próprio para a (re)criação e transformação do pensamento (Arias, 2002). Os símbolos culturais, transmitidos e obtidos nas relações partilhadas com os elementos do grupo, são determinantes na construção da identidade do indivíduo (Arias, 2002). No caso da identidade da grávida, deveremos tentar compreender o impacto que a cultura tem na formação da subjectividade materna, assim como na atribuição de um lugar ao bebé na, e para, gestante.

Ao longo destes últimos anos têm surgido estudos com grávidas, mães pela primeira vez (Roberto, 2012; Martins, 2014; Rosado 2016), que acompanham este processo de transição. Algumas destas investigações são realizadas somente durante o período da gravidez, enquanto outras estendem o acompanhamento durante o primeiro ano de vida do bebé, procurando por vezes perceber a importância que a cultura tem neste período. Estes estudos longitudinais pretendem compreender as alterações na identidade e na identidade social das mulheres, através da observação e da relação estabelecida com a investigadora, assim como da experiência vivenciada, e relatada, na primeira pessoa. Para tal, são aplicadas provas e realizadas entrevistas em diferentes momentos, procurando identificar as principais mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Talvez devido às experiências de vida e ao percurso percorrido, a maternidade sempre foi um tema presente e com bastante relevância, existindo um grande interesse na compreensão dos processos que a compõem. Este facto unido à curiosidade e desejo de conhecer um pouco mais acerca da Guiné-Bissau, foram condicionantes para a aceitação e definição do trabalho aqui desenvolvido, propondo-me a um estudo de caso com uma grávida guineense, mãe pela primeira vez, pertencente à etnia *Papel*, prendendo-se a escolha desta etnia à sua relevância na história do país e também ao meu elo de ligação pessoal a esta etnia em específico. Definimos como objectivo tentar descobrir, conhecer e compreender qual o lugar do bebé no mundo interno desta grávida, através da compreensão e observação da relação interna estabelecida entre ambos, e das transformações identitárias experienciadas durante o terceiro trimestre de gravidez, dando relevo à importância que a cultura poderá ter na formação da identidade materna.

Assim sendo, um dos conceitos que iremos explorar ao longo deste trabalho é o de identidade, incidindo principalmente sobre a identidade da grávida e a subjectividade materna,

uma vez que para além de estar subjacente ao processo de ser mãe, é essencial para a compreensão da passagem para a maternidade. Perante as várias definições que encontramos na literatura, para melhor compreender o objeto de estudo deste trabalho, a identidade da grávida mãe pela primeira vez, devemos ter como base a autora Hollway que efetuou vários estudos nesta área. A autora defende que somos sujeitos psico-sociais uma vez que a experiência de cada um é formada e influenciada pelos tipos de comunicação e relação que vamos estabelecendo ao longo da vida. Afirmando ainda que nossa realidade interna, assim como as nossas defesas naturais são criadas de acordo com os sentimentos e emoções vivenciados (Hollway, 2009; Elliott, Gunaratnam, Hollway and Phoenix 2009).

Outro conceito importante que deveremos ter presente é o de cultura, considerando a sua importância nos processos intrapsíquicos e na formação da identidade. Já em 1956, o criador da etnopsiquiatria George Devereaux realçou a inerência da relação entre a constituição do psiquismo individual e a influência cultural (cit. in Roberto 2012). Mais tarde, Paduart (2004) identifica três funções essenciais da cultura na formação da psique: o estabelecimento de ordem e regras, prevenindo o caos; a contribuição para a formação de uma identidade individual e de grupo; e a atribuição de um sentido aos enigmas da vida e do universo. Todos estes factores são determinantes para a forma como o sujeito vai reconhecer a sua individualidade e singularidade, contribuindo para o seu posicionamento, e relações, dentro do seu grupo cultural (Paduart, 2004).

Uma vez que a nossa participante pertence a uma cultura tradicionalmente reconhecida pela crença e realização de cerimónias tradicionais, iremos realizar a análise do método projectivo escolhido, a prova de Rorschach, tendo em conta a possibilidade do aparecimento de determinados simbolismos que poderão resultar da sua experiência e vivência como *Papel*.

Iniciaremos então este estudo pela revisão de literatura, onde iremos trabalhar e relacionar os conceitos considerados relevantes para o tema em estudo, a identidade da grávida e a cultura, dando também a conhecer etnia *Papel* e alguns dos seus costumes (a maior parte da recolha acerca das cerimónias e costumes desta etnia foi efectuada através de observação ou mesmo através de relatos).

Seguidamente, no capítulo referente ao método, iremos apresentar o tipo de investigação, tendo sido realizado um estudo de caso qualitativo e exploratório (Yin, 2001), onde escolhemos como instrumentos metodológicos a prova projetiva Rorschach, por ser um método que reenvia para dimensões internas, subjectivas e interpretativas, e a Entrevista

Narrativa de Associação Livre, que é um método indicado quando existe o interesse da compreensão das questões emocionais envolvidas no processo de formação da identidade.

Prosseguiremos com a apresentação do sujeito e a análise do protocolo de Rorschach e das entrevistas, procurando compreender o modo de funcionamento psíquico e as alterações sentidas por esta grávida, mãe pela primeira vez. Posteriormente será realizada a discussão e reflexão acerca dos resultados obtidos articulando-os com a revisão de literatura realizada.

Encerraremos o estudo apresentando as principais conclusões retiradas desta investigação, assim como os possíveis contributos da mesma para os estudos relacionados com os temas que exploramos, a identidade de grávida, a subjectividade materna e a cultura.

2. O Processo de ser mãe pela primeira vez

No seguimento do que temos vindo a afirmar, iremos agora focar-nos nos conceitos chave que permitiram e orientaram este estudo, acerca do processo de ser mãe pela primeira vez: a identidade, a subjectividade materna e a cultura.

A identidade do sujeito vai-se formando ao longo da vida, de acordo com as experiências e momentos vividos, sendo algo que apesar de ter uma base encontra-se em constante (trans)formação (Hollway, 2009). Já a subjectividade materna é um processo intersubjectivo dinâmico, que deve ser considerada de acordo não só com as particularidades do sujeito, como também com as condicionantes e influências que a cultura e o meio exercem sobre si (Hollway, 2015). Relativamente à cultura, como já foi referido, Deveraux (1956) fala-nos sobre a importância do reconhecimento imprescindível da cultura na formação do psiquismo individual e da identidade social. Arias (2002) reforça, afirmando que a cultura, como construção simbólica da conduta social, permite a identificação do indivíduo como um ser individual. Complementa ainda realçando a importância dos símbolos culturais na construção e diferenciação da identidade "*(...) una construcción específicamente humana que se expresa a través de todos esos universos simbólicos y de sentido socialmente compartidos, que le ha permitido a una sociedad llegar a "ser" todo lo que se ha construido como pueblo y sobre el que se construye un referente discursivo de pertenencia y de diferencia: la identidad.*" (Arias, 2002).

O papel e a importância da cultura na formação da identidade é um tema que tem sido estudado por vários autores. Ao longo dos anos, Wendy Hollway (2009;2010;2015) realizou estudos nos quais procura compreender o impacto que a maternidade tem na formação da identidade, sendo a maior parte dos estudos longitudinais, incidindo principalmente nas interações estabelecidas entre a mãe e o bebé, após o nascimento. Hollway, em conjunto com outros autores, em 2009 realizou um estudo onde defende que a cultura também contribui para o significado de ser mãe, sendo uma experiência única que deverá ter em conta os diversos factores, internos e externos (Elliott, Gunaratnam, Hollway and Phoenix, 2009).

Seguindo a mesma linha de investigação, Roberto (2012) realizou um estudo com uma mãe, de 26 anos, cabo-verdiana, residente em Portugal, procurando "*conhecer e compreender os processos fundados numa intersubjetividade dinâmica, apreendidos na subjectividade materna, explorando as ligações e interações com a cultura*", ou seja tentando descobrir a relação entre cultura e a subjectividade materna. A cultura poderia assumir um papel

contentor, como é defendido por Moro (2005), sendo o continente face às ansiedades e angústias que surgem com a vivência desta nova experiência, a gravidez. No entanto, neste caso, a autora acaba por identificar a cultura como um espaço intermediário no processo de formação de identidade, encontrando-se a participante dividida entre duas culturas, a do país de origem e a do país onde vive, sendo difícil para a mesma a aproximação, definição e identificação da sua identidade cultural. A autora verifica ainda que este é um período em que a mulher sente a sua identidade ameaçada devido às ansiedades e angústias presentes, derivadas de sentimentos de anulação do eu e/ou por receio de fusão com o bebé.

Uma vez que o nosso estudo foi realizado com uma participante às 35 semanas de gestação, será importante basear-nos também na investigação realizada por Rosado (2016) que lembra-nos que “(...) *uma mulher grávida pela primeira vez não é uma mãe(...)*”, remetendo-nos assim para a ideia de que deveremos estudar identidade da grávida, uma vez que só é considerada mãe após o nascimento do bebé. A autora, através de três estudos de caso realizados ao longo do período de gestação, procura compreender a mente e a experiência vivenciada pela grávida, tendo em conta “(...) *a novidade, a originalidade e a singularidade da experiência da gravidez*” (Rosado, 2016).

Assim sendo, tendo por base a formação da identidade da grávida neste processo de ser-se mãe pela primeira vez, o nosso estudo desenvolve-se durante o período de gestação, terceiro trimestre de gravidez, querendo compreender melhor a forma como é vivenciada esta fase final e o impacto/influência causado pela cultura. Derivado do interesse especial pelos costumes e tradições, e devido à origem da nossa participante, jovem guineense, o nosso olhar irá incidir sobre a cultura africana, mais especificamente sobre a etnia *Papel* da Guiné Bissau, procurando conhecer alguns dos simbolismos presentes em determinadas cerimónias, que poderão contribuir para a construção da identidade, neste caso da identidade da grávida.

Passaremos então à exploração e clarificação dos conceitos que contribuíram para a análise do tema em estudo, o processo de ser mãe pela primeira vez, começando pelo de identidade.

Ao longo dos anos temos encontrado diferentes definições de identidade. Em 1971, Erikson considera que a identidade é uma construção resultante da relação entre o Eu e o mundo nos diferentes contextos de socialização, sendo formada ao longo da vida do sujeito. O indivíduo cresce e amadurece, de acordo com as experiências vividas, posicionando-se e adaptando-se conforme os seus sucessos e fracassos, mantendo-se, no entanto, fiel a ele mesmo no tempo e no espaço. Scharff (cit. in Hollway, 2010) considerava que o indivíduo era

construído através da interiorização das relações dinâmicas vivenciadas entre o self e o objeto, no entanto por outro lado defendia que o nosso mundo interno estava reflectido nas relações interpessoais que estabelecemos formando assim a nossa identidade.

Refletindo acerca das relações interpessoais e os conflitos entre a individualidade e a intersubjectividade, Hall (2004) fala-nos acerca da crise de identidade, que é gerada pelos conflitos internos, implicando uma mudança maior que leva ao questionamento dos princípios e dos quadros de referência que permitiam ao indivíduo uma ancoragem estável no mundo social. O autor indica que as crises identitárias surgem em diferentes momentos da vida, podendo ser causadas por mudanças repentinas de rotina, por acidentes ou mesmo pelo crescimento natural do sujeito, que com o aumento de conhecimento e exploração do mundo que o rodeia acaba por questionar o seu mundo interno.

Direccionando-nos agora para a identidade da grávida, Ammaniti (cit. in Nascimento, 2003) afirma que a gravidez é um dos períodos de desenvolvimento mais importantes da identidade feminina, durante o qual a mulher revive, elabora e resolve conflitos infantis. Durante o período de gestação ocorrem várias alterações físicas, fisiológicas, sociais e psicológicas, como resposta adaptativa ao novo ser em desenvolvimento no ventre materno. Segundo Hollway (2006) a transição para a maternidade tem inerente um processo de modificação da identidade, resultante de conflitos entre a individualidade e a intersubjectividade. Podemos dizer que o processo de formação da identidade materna inicia-se a partir do momento da fecundação pois, apesar de muitas vezes serem imperceptíveis, existem pequenas alterações internas que vão pouco a pouco construindo-a, sendo caracterizada não só pelas alterações físicas, como e essencialmente, pelas mudanças psicológicas que se vão revelando.

Ao engravidar a gestante deixa de ser simplesmente filha, e mulher, para passar a assumir a responsabilidade sobre um novo ser totalmente dependente dela. Este é um dos primeiros conflitos que surgem, uma vez que o bebé não tem a capacidade de exprimir as suas vontades e necessidades e a mãe terá que conseguir saber identificá-las e satisfazê-las. Uma das principais referências para o estabelecimento deste vínculo é a relação primária, retida no inconsciente, ressurgindo nesta fase, causando o reviver das emoções, memórias e fantasmas experienciados, na busca da adaptação necessária para o acolhimento e satisfação das necessidades do bebé, o que Winnicott (1975) define como *primary maternal preoccupation*.

Hollway efectuou vários estudos (2006;2007;2009;2010;2015) acerca da fase da maternidade e do processo de ser mãe pela primeira vez, defendendo que somos sujeitos

psico-sociais uma vez que a experiência de cada um é formada e influenciada pelos tipos de comunicação e relação que vamos estabelecendo ao longo da vida. Afirmando ainda que a nossa realidade interna, assim como as nossas defesas naturais são criadas de acordo com os sentimentos e emoções vivenciados. Em 2009, Elliott, Gunaratnam, Hollway and Phoenix contribuem para esta ideia, explicando que a transição para a maternidade implica um novo posicionamento sobre a vida.

De acordo com a autora, a subjectividade materna, dinâmica intersubjectiva do inconsciente envolvida no processo de identificação, está activa na busca do estabelecimento de novas relações, ou seja a forma como esta nova mãe se relacionou, ao longo da vida, com as pessoas significativas vai determinar a criação dos novos laços. Este processo é contínuo e a maternidade vai-se materializando ao longo do tempo, passando o bebé a prioridade através da adaptação às várias exigências que vão surgindo com a gravidez e com o nascimento.

A identificação das angústias e das necessidades do feto, e a transformação e satisfação das mesmas, realizadas pela gestante remetem-nos também para a relação continente/conteúdo de Bion. De acordo com este autor o reviver da relação primária da grávida, utilizando como referência as memórias das experiências vividas, e a adaptação e estabelecimento de novas formas de relacionamento, correspondem a uma mudança catastrófica (Rosado, 2016). Esta mudança, que implica o crescimento psíquico, é caracterizada pela capacidade de tolerar, conter, integrar e transformar a dor e os pensamentos que surgem do conflito interno pela existência de um novo ser, dentro da mulher, debatendo-se internamente com vontades e desejos que não lhe pertencem (Rosado, 2016). A autora identifica também a ambivalência pulsional presente, entre masculino e feminino, vida e morte, como um dos elementos organizadores principais desta experiência transformativa, a gravidez, revelando-se principalmente na transformação, dos não pensamentos em pensamentos, realizada no movimento de dispersão e integração e na relação continente/conteúdo. Apesar dos factores que influenciam a experiência de cada grávida poderem ser semelhantes, a forma como cada gravidez é vivenciada e experienciada é individual e única (Rosado, 2016).

Como Paduart (2004) defende, a cultura em que o indivíduo está inserido tem um papel fundamental na formação da sua identidade, quer seja pelo estabelecimento de uma hierarquia social, atribuindo papéis e funções a cada um, ou mesmo pela existência de crenças, representações e cadeias associativas, no grupo, que permitem o acalmar da angústia interna, assumindo a cultura uma função de continente. Durante a gravidez surge a mudança

de foco das prioridades, sendo um aspecto que é vivido, identificado e sentido não só pela mãe, como pelo meio que a envolve, caracterizado por mudanças nas relações interpessoais, com o meio familiar e com a sociedade (Nascimento, 2003).

Ao engravidar a mulher passa a ser vista com outros olhos, assumindo um novo papel perante a sociedade - o papel de mãe. O modo como é reconhecida e cuidada vai variar de acordo com a cultura e o contexto familiar a que pertence, podendo receber maior ou menor apoio e/ou pressão social (Nascimento, 2003). Por norma, na família ocidental, devido ao modo de vida, o núcleo familiar é mais reservado, o que leva muitas vezes à perda da transmissão de experiências e conhecimento transgeracional, optando pela aquisição de conhecimento através da informação e formação disponível pelos diversos meios (Nascimento, 2003). O mesmo não se verifica na cultura africana, onde o núcleo familiar é mais alargado e, normalmente, a grávida recebe acompanhamento e apoio familiar tanto ao longo do período de gestação como durante os primeiros meses de vida do bebé, principalmente as chamadas mães de primeira viagem. Este núcleo próximo e presente permite um acompanhamento ao longo do crescimento e desenvolvimento do indivíduo, marcado pela partilha e passagem de costumes e tradições (Nascimento, 2003).

Como já foi referido o nosso estudo foi realizado com uma jovem guineense, residente em Bissau e pertencente a uma etnia caracterizada pela realização de cerimónias tradicionais e pela partilha dos seus costumes dentro do grupo, a *etnia Papel*. Iremos dar então a conhecer um pouco melhor esta etnia, apesar de termos encontrado alguma dificuldade na recolha de informação por ausência de dados documentados.

A etnia *Papel* é uma das trinta etnias que compõem a diversidade cultural da Guiné Bissau. É uma etnia fortemente animista e considerada matrilinear, *fidju de barriga*, ou seja num casal se a mulher é *Papel*, mesmo que o marido pertença a outra etnia, os filhos serão sempre considerados *papeis* (Moreira, 1994). Uma das suas características principais é a passagem de informação e tradição de modo oral, existindo o reconhecimento da importância da pessoa mais velha *homi garandi*, que deve ser consultada e respeitada de modo a poder tomar-se determinadas decisões. A consulta de *irãs* (espíritos) tem grande peso nesta etnia, sendo respeitados, admirados e por vezes temidos, tendo um papel determinante relativamente à tomada de grandes e importantes decisões.

Relativamente às cerimónias mais importantes realizadas nesta etnia e que marcam as principais transições ao longo da vida, devemos ter presente: o *fanado*, cerimónia realizada durante a adolescência, onde é feita a circuncisão, após a qual começam a reconhecer o

indivíduo como homem; o *toca chur*, cerimónia fúnebre que simboliza o elevar da alma e a libertação do corpo; o *leba cabaz* que é realizada pelos representantes da família, simbolizando o respeito e a união do casal, passando a existir a permissão para a co-habitação do mesmo; e a *rianta* que simboliza a preparação da grávida para o nascimento do bebé. Em quase todas estas cerimónias existe o sacrifício de alguns animais, tais como o cão, a cabra, o porco ou mesmo a galinha, que ganham um grande valor simbólico para os elementos desta etnia. De acordo com o interesse do nosso estudo e direcção do olhar de investigação, iremos durante a análise considerar alguns dos simbolismos, assim como a cerimónia *leba cabaz*, que foi realizada pela nossa participante, durante a apreciação do processo de formação da identidade.

Passaremos agora à explicitação do objectivo, assim como à apresentação dos instrumentos utilizados e explicação da importância da escolha destes métodos, seguindo para a apresentação do sujeito e discussão dos resultados.

3. Metodologia

3.1 – Tipo de estudo

De acordo com o objectivo que estabelecemos para esta investigação, a procura da compreensão e identificação do lugar interno ocupado pelo bebé nesta mãe guineense e a influência da cultura no estabelecimento do mesmo, considerámos mais adequada a utilização de métodos qualitativos para a recolha de informação. Como defende Zimerman (in Marques, 1999) a investigação qualitativa deve basear-se na reflexão e discussão, em vez de centrar-se na procura de respostas. Este tipo de investigação é caracterizada pela interacção directa e próxima com o sujeito, sendo realizada a observação do comportamento em contexto natural, o que implica *“contacto íntimo quer com os afectos do outro, quer com os próprios”* (Marques, 1994). Este contacto propicia uma aproximação à realidade do sujeito, permitindo uma melhor compreensão da forma como ele pensa, sente e experiencia os acontecimentos em estudo (Ribeiro, 2007). Neste tipo de investigação, a recolha de informação não segue uma estrutura ou um protocolo rígido, permitindo assim ao investigador seguir as associações e conexões feitas pelo indivíduo, não podendo no entanto perder o rigor ou tornar a recolha confusa e/ou desorganizada. Toda a informação, tanto a solicitada, como, e principalmente, a que naturalmente emerge, deve ser recolhida e documentada, recorrendo posteriormente à análise e interpretação dos dados (Bowling, 1998).

Estando mais interessados na compreensão e significação dos processos internos experienciados pela gestante, do que na explicação da existência dos mesmos, considerámos o estudo de caso exploratório como o método qualitativo mais adequado para esta investigação, tendo presente que deveremos fazer *“(...) uso da interpretação para a captação dos processos mentais, através da compreensão, da intersubjectividade e da significação, o que possibilita ligar, acrescentar e transformar o sentido.”* (Marques, 1999), sabendo que a essência do sujeito é revelada e expressa em função dos contextos e relações vividos (Marques, 1999).

Segundo Stake (1995), o estudo de caso é uma abordagem utilizada para descrever fenómenos complexos, ou mesmo eventos recentes, procurando descobrir um novo, e/ou mais aprofundado, entendimento acerca da complexidade das decisões, interacções e actividades humanas. Yin (2001) fala-nos sobre três modos de realizar estudos de caso: descritivo, explanatório e exploratório. Estes tipos de estudo de caso deverão ser seleccionados de acordo

com o objectivo estipulado, sendo também possível, e mesmo desejável, que algumas investigações e experimentos contenham os diferentes tipos de abordagem (Yin, 2001).

Identificando agora as características principais de cada um deles, nos estudos descritivos temos principalmente a enunciação e a descrição dos fenómenos em estudo, enquanto nos estudos explanatórios temos a procura da explicação dos acontecimentos presentes, resultantes das relações causa efeito, respondendo principalmente a questões do tipo “*como?*” e “*por que?*”. Já nos estudos exploratórios procura-se abordar questões/problemáticas novas, com o intuito de desenvolver hipóteses, proposições e inquirições acerca do tema em estudo (Yin, 2001). O autor refere ainda que nos estudos de caso, para além das variadas técnicas de pesquisas históricas tradicionalmente utilizadas (tais como documentos, artefactos, etc.), é importante que a recolha de informação seja feita através de duas fontes de evidência: a observação directa e a série sistemática de entrevistas, principalmente se o nosso objectivo for aceder à compreensão do sujeito psicológico, quer através do seu comportamento em contexto natural, quer através dos símbolos, significados e mensagens que surgem e são partilhadas através da narrativa (Yin, 2001).

A análise narrativa contribui assim positivamente para esta compreensão e aproximação, uma vez que o discurso do participante é uma fonte rica de significados para a compreensão das cadeias associativas resultante da relação intersubjectiva estabelecida com o investigador (Marques, 1999; Ribeiro, 2007; Rosado, 2016).

Partindo deste princípio, e tendo presente o sujeito como único e autêntico, a recolha de dados foi efectuada através do recurso a dois instrumentos: a prova projectiva Rorschach e a Entrevista Narrativa de Associação Livre de Hollway & Jefferson (FANI – Free Association Narrative Interview), que iremos apresentar em seguida.

3.2 – Método de Rorschach

O material Rorschach é “*(...) um elemento da realidade exterior, uma percepção, mas tem características e qualidades psíquicas, isto é, ele é um objecto que deve ser investido e identificado e depois nomeado mas como algo de outro – de mancha ele passa a imagem, de «coisa» ele passa a palavra, conceito a símbolo.*” (Marques, 1999).

A técnica projectiva de Rorschach é constituída por dez cartões brancos, com manchas de tinta centralizadas, de cores variadas, alguns em tons de preto (I, IV, V, VI, VII), outros em

preto mas com inserção do vermelho (II, III) e outros em tons pastéis (VIII, IX, X), todas organizadas de forma simétrica em torno de um eixo central (Chabert, 1998).

Os cartões são apresentados ao sujeito, um a um, de acordo com uma ordem específica tendo como objectivo a interpretação dos mesmos, com base numa instrução simples – “O que é que isto poderia ser?” (Marques, 1999). Todas as respostas deverão ser registadas o mais fielmente possível, assim como o tempo de latência de cada cartão, para posterior codificação e análise. Num segundo momento é realizado o inquérito, caracterizado por uma nova apresentação dos dez cartões, entregues pela mesma ordem, procurando a clarificação dos dados primeiramente recolhidos. A instrução neste momento é um pouco mais directiva – “Vamos agora retomar os cartões juntos; tente dizer-me o que o fez pensar naquilo que evocou. Claro que se lhe ocorrerem outras ideias, poderá sempre dizer-me”. Por fim é realizada a prova de escolhas na qual o sujeito deverá eleger quatro cartões, os dois de que gostou mais e os dois de que gostou menos, explicando o porquê das suas escolhas.

Primeiramente, esta prova era aplicada principalmente em termos de diagnóstico, mas com o desenvolver das investigações, e em particular com o contributo dos trabalhos de Marques, surge uma nova compreensão, um novo olhar, sobre o Rorschach, através da *relação, comunicação, interpretação e simbolização*, integrando e articulando as teorias kleinianas e pós-kleinianas, nomeadamente a bioniana, dotando o Rorschach de “(...) *um estatuto teórico e metodológico mais claro, estabilizado e coerente, dentro dos paradigmas consagrados pela significação (...) enriquecê-lo com uma teoria mais ampla que o torne mais sensível aos movimentos e aos processos mentais mais fundamentais, sobretudo aqueles que dão conta do crescimento e da expansão mental, que impõem uma actividade de ligação, de transformação e de (re)criação*” (Marques, 1999).

Assim, o nosso estudo aborda a prova de Rorschach neste sentido de reflexão, entre a gravidez e a cultura, considerando o apelo simbólico, onde, de acordo com Chabert (1998), o jogo entre as representações e os afectos desvendam a essência do sujeito, revelando a ligação a si, ao mundo real e ao mundo relacional (Chabert, 1998). Como tal, no caso da maternidade o Rorschach permite a revelação do espaço mental disponível para a *elaboração, reparação e integração* do sujeito a reconstruir (Leal & Marques, 1994). Este encontro da grávida com o material, assim como a atribuição de um sentido à mancha, é compreendido tendo por base a identificação projectiva, permitindo a observação de processos que potenciam e dificultam as oscilações entre dispersão e integração e as relações continente/conteúdo de Bion.

Relativamente à cultura devemos estar atentos aos elementos que poderão surgir como aplicação do protocolo.

3.3 – Método de Entrevista Narrativa de Associação Livre (FANI)

Ao contrário das entrevistas tradicionais que são conduzidas pelo entrevistador existindo normalmente uma estrutura que deverá ser seguida para a recolha de informação, a Entrevista Narrativa de Associação Livre (FANI) é um instrumento de investigação baseado em ferramentas desenvolvidas no seio da teoria, técnica e prática psicanalítica, através do qual o sujeito expressa de forma verbal, e maioritariamente espontânea, as associações que surgem durante o diálogo, pouco interventivo, com o investigador (Hollway & Jefferson, 2000; Rosado, 2016). Quando o objectivo é a compreensão do significado da experiência pessoal para lá das palavras, através da visão e vivência do próprio sujeito, podemos considerar a FANI como o método qualitativo mais adequado uma vez que permite a exploração livre das dinâmicas internas, resultantes das diferentes conexões presentes no inconsciente (Hollway & Jefferson, 2000).

A técnica de associação livre não leva em consideração a sequência lógica e cronológica do pensamento, incitando o sujeito a expor as várias conexões à medida que lhe vão surgindo na mente, podendo ser, por exemplo, recordações de experiências vividas, afectos despertados ou mesmo angústias reservadas, independentemente do seu aparecimento derivar de uma linha de pensamento contínua, ou surgir como um elemento novo e desconectado do elemento que desencadeou o pensamento inicial (Hollway & Jefferson, 2008; Hollway, 2010; Martins, 2014). Apesar das defesas do sujeito estarem presentes e serem muitas vezes expressas, entre outros, através de lapsos, incoerências e silêncios, o desencadeamento das associações livres levam ao aparecimento de temas conflituais, permitindo uma melhor compreensão da subjectividade e dos mecanismos de defesa do sujeito. Tendo presente que mesmo através deste método o significado subjectivo das experiências do sujeito não é totalmente acessível, as associações deverão ser analisadas e interpretadas, considerando o significado emocional, lembrando que este é muitas vezes inconscientes para o indivíduo (Hollway & Jefferson, 2000; Rosado, 2016).

A ausência da intervenção/condução por parte do investigador é importante uma vez que potencia o espaço existente para transição entre as várias emoções e sentimentos, que são

livre e inconscientemente evocados e experienciados pelo participante, ao longo da entrevista (Hollway & Jefferson in Andrews, 2004; Rosado, 2016). Neste sentido, deverão ser colocadas questões abertas com o intuito de despertar livremente conteúdos psíquicos relacionados com o tema em exploração, permitindo no entanto a liberdade nas respostas e associações, devendo o investigador seguir as associações reveladas pelo entrevistado, uma vez que possuem uma importante componente emocional (Hollway & Jefferson, 2000).

Como já foi referido, o entrevistador deverá ter consciência de que o total acesso ao inconsciente do sujeito não será possível, uma vez que as defesas e ansiedades do indivíduo estarão presentes, bloqueando por vezes o acesso ao mesmo. Este bloqueio poderá ser fruto da própria relação intersubjectiva experienciada durante a entrevista, cabe ao entrevistador promover o desbloqueio da narrativa e aproveitar as expressões e respostas do sujeito para dar continuidade à exploração do tema, evitando sempre questões que comecem por “porquê”, utilizando preferencialmente o “como” que convida à explicação do processo, em vez de incitar à justificação do acontecimento (Hollway & Jefferson, 2000, 2008).

Na utilização do método FANI deverão ser também recolhidas notas de campo, retiradas ao longo do contacto com o participante, que são um elemento complementar que ajuda na clarificação da compreensão de algumas associações realizadas pelo sujeito, sendo também importante observar as várias expressões de alteração de estado emocional que poderão advir de determinadas associações. Posteriormente deverão ser realizadas notas reflexivas registando alguns dos processos de transferência e contra-transferência vivenciados no contexto de investigação (Hollway & Jefferson, 2000). Hollway (2008, 2015) sugere ainda que os dados sejam discutidos em grupo de forma a enriquecer as reflexões sobre o material recolhido e experiência vivenciada.

3.4 – Apresentação da participante

A nossa grávida, mãe pela primeira vez, chama-se Júlia (nome fictício), tem 20 anos, e é uma jovem guineense, proveniente de uma família da etnia *Papel*. Júlia vive em Bissau, com os pais e a irmã mais velha, e é estudante. Na altura da nossa entrevista estava a aguardar a viagem para o Senegal, país onde teria o seu bebé, sendo a primeira vez que iria viajar para fora do seu país de origem.

É uma jovem com aparência simples, ar simpático e algo tímido. Com o decorrer da entrevista vai descontraíndo, ficando mais à vontade e mostrando algum entusiasmo na partilha da sua experiência. Apesar da data da viagem ter sido antecipada, o segundo encontro é marcado por menos reservas e menor desconfiança na recepção e relação estabelecida. Este encontro deu-se na noite anterior à sua partida e Júlia continua a parecer um pouco insegura e/ou pouco determinada.

3.5 – Recolha de dados

Este estudo foi inicialmente definido com o intuito de ser realizado com uma grávida guineense, mãe pela primeira vez, pertencente à etnia *Balanta* da Guiné-Bissau. No entanto encontrámos várias dificuldades em conseguir uma participante elegível, uma vez que a maior parte das gestantes disponíveis que conseguimos já eram mães, estando a viver a sua segunda ou terceira gravidez. Aproveitando o facto da entrevistadora ter uma viagem programada para Bissau, resolvemos que seria uma boa oportunidade para que a entrevista e aplicação da prova pudesse ser feita lá. Assim, neste processo de busca e através de alguns contactos estabelecidos, acabou por surgir uma grávida que cumpria os requisitos desejados, no entanto proveniente de uma outra etnia, a etnia *Papel*. Como o objectivo principal prendia-se à experiência de ser mãe pela primeira vez numa grávida da Guiné-Bissau, reconsiderámos e percebemos que seria igualmente positivo e enriquecedor realizar o estudo, apesar da mudança da etnia. Um dos possíveis entraves poderia ser a dificuldade na recolha de informação acerca da etnia *papel*, uma vez eu é conhecida por passar o conhecimento, costumes e tradições por via oral, existindo muito pouca documentação registada, facto que contornámos através da recolha de relatos da participante e de alguns elementos pertencentes à etnia.

Ao chegar a Bissau, o pai do bebé facultou-me o contacto telefónico da participante de modo a podermos combinar os encontros, indicando que esta já teria conhecimento e estaria disponível para realizar as entrevistas. Os primeiros dois contactos estabelecidos, via telefónica, ficaram marcados por algumas dificuldades de comunicação, que inicialmente suscitaram algumas dúvidas acerca do interesse e disponibilidade desta gestante na participação no estudo.

Após o primeiro encontro, a verdadeira barreira foi identificada: a língua e, como tal, a partir desse momento, todos os contactos realizados passaram a ser em crioulo, língua materna da grávida, permitindo assim uma aproximação e diminuindo algum do distanciamento e ansiedade inicialmente sentidos.

Para a exploração do nosso objectivo e recolha de dados, foram combinados dois encontros com a participante, tendo sido solicitada a autorização para a gravação áudio das entrevistas e garantido a confidencialidade e o anonimato. O primeiro encontro baseou-se no estabelecimento da relação, procurando conhecer melhor a grávida e a cultura em que se insere, através dos seus relatos. Neste primeiro encontro Júlia veio acompanhada por uma tia mais velha, com cerca de 50, com um ar sério e desconfiado, que logo após as apresentações foi questionando as intenções e finalidade da entrevista. Parecendo ainda pouco confortável com a realização do estudo, a tia acabou por sugerir que a entrevista fosse realizada na sua casa, disponibilizando para tal uma sala, em espaço aberto, que dava acesso directo para a cozinha, onde permaneceu. Enquanto a tia esteve presente, Júlia pouco falou, deixando que as perguntas e respostas fossem feitas pela mesma.

O segundo encontro que era destinado principalmente a aplicação da prova de Rorschach, foi realizado em casa da participante. Os pais e os irmãos encontravam-se em casa, por isso logo à chegada fui apresentada e, tal como a tia tinha feito no primeiro encontro, o pai questionou o porquê da investigação, sugerindo que desenvolvessemos o trabalho na sala com eles. Apesar de agradecer a disponibilidade, foi explicado que para a aplicação da prova de Rorschach seria necessário um local mais tranquilo que permitisse a concentração e descontração de Júlia, como tal dirigimo-nos para o quarto de Júlia onde, apesar da porta estar fechada, conseguimos ouvir a televisão. Durante a aplicação da prova a irmã mais velha entrou no quarto e mostrando-se curiosa, acabou por aproximar-se de modo a conseguir visualizar os cartões, preparando-se para responder. Calmamente expliquei que a aplicação era individual, não podendo ela estar presente nem elaborar respostas. A irmã de Júlia compreendeu e acabou por sair. Mesmo com esta interrupção, Júlia pareceu completamente à vontade com a presença da irmã, continuando a agir naturalmente.

As entrevistas foram feitas em crioulo, sendo posteriormente traduzidas e transcritas. As análises posteriores, do protocolo e da entrevista, foram efectuadas pela entrevistador, visando os possíveis simbolismos que poderão ascender e estar presentes devido à sua pertença à etnia *papel*, uma cultura tradicionalmente reconhecida pela crença e realização de

cerimónias tradicionais. Foram também identificadas as grandes temáticas que emergiram das narrativas, não tendo sido no entanto discutidas em grupo.

4. Análise de dados

4.1 – Análise do protocolo

A análise que se segue foi realizada considerando as respostas e reacções apresentadas pela participante face a cada cartão.

Análise de respostas cartão a cartão – Júlia

O cartão I remete para a entrada do sujeito na prova, assim como para a activação dos mecanismos de defesa perante a apresentação do estímulo de Rorschach. Júlia parece ter uma entrada relativamente tranquila, onde o tempo de latência é reduzido, cerca de 6'', fazendo uma apreensão global da mancha, associada a um determinante formal de boa qualidade e nomeando uma banalidade "*Imagem de... morcego.*". Esta classificação revela a capacidade de organização da mancha transformando o estímulo com que se defronta, que é reconhecido como caótico e desorganizador, elemento β , num elemento que lhe é familiar e contentor, elemento α . O aparecimento desta resposta banal é também revelador da capacidade de integração correcta da unidade corporal, a que este cartão invoca. A participante mostra-se no entanto um pouco hesitante antes de formular a afirmação, procurando logo de seguida uma validação através da expressão "*Ou não é?*", o que podemos identificar como uma tentativa de verificação do apoio e estabilidade que poderão ser conferidos pela relação estabelecida com a entrevistadora.

Apesar da dada instrução referir que não existem respostas certas ou erradas, Júlia mostra-se um pouco reticente com receio de errar, foi então novamente reforçado que cada sujeito identifica imagens diferentes, procurando assim diminuir a ansiedade presente e permitir a continuação da aplicação da prova.

No contacto com o cartão II a hesitação de Júlia continua presente, sendo o tempo de latência ligeiramente mais alongado, 8''. Este cartão que, devido à sua forma, organização e introdução da cor vermelha como estímulo, remete para as emoções e invoca um possível estabelecimento relacional, parece ser evitado pela participante que procura uma unificação da imagem, através de uma apreensão global, resultando numa forma de má qualidade "*Este é*

tipo a máscara de uma pessoa (...)". Júlia identifica um objecto que tem como função esconder e disfarçar, parecendo assim evitar a problemática de castração latente presente, através do camuflar da angústia.

Termina mais uma vez com alguma incerteza através de uma precaução verbal "*(...)ou quê...*", parecendo mais uma vez procurar algum apoio ou afirmação. Durante o inquérito mostra-se mais colaborante, fazendo uma descrição mais pormenorizada da imagem, onde integra as cores, identificando os vermelhos e o branco como o fundo, "*rosto de uma pessoa*", que sustenta o objecto identificado. Tanto neste cartão, como no cartão anterior, Júlia após a resposta vira-o para verificar se há algo no verso.

Já no cartão III Júlia identifica a relação entre duas pessoas, não fazendo diferenciação da identificação sexual, "*(...) Duas pessoas pegaram uma coisa tipo...*". Posteriormente, no inquérito de limites, descreve esta relação como uma disputa "*Este é aquele das pessoas que pegaram numa coisa assim e que estão a dividir ao meio (...)*" sendo que anteriormente tinha referido "*(...) estão a puxar (...)*". Este cartão é caracterizado por remeter para a representação de si face ao outro e o tipo de relação que é estabelecida. Neste caso identificamos uma relação divergente, onde parece ter que existir uma divisão/separação, despoletada pelo estímulo agressivo que os vermelhos despertam, para que ambos possam existir "*(...) Cada um quer ficar com... cada um quer cortar para poder ficar com um bocadinho, um bocadinho...*", apesar de não existir nenhuma menção directa ao estímulo *cor*.

Este é um dos cartões identificados na prova de escolhas como um dos que menos gostou onde refere que apesar de existir um estímulo que poderá ser reconhecido como agradável "*(...)Mesmo tendo cores (...)*", prevalece a dificuldade no estabelecimento da relação com o outro "*(...) parece que estão a cortar...*", estando sempre a separação presente.

Numa primeira fase o cartão IV é recusado por Júlia, suspirando "*Aiii...*" e depois afirmando que não sabe "*Sei lá...*", parecendo um pouco reactiva ao estímulo apresentado, aparecendo aqui um dos picos da ansiedade que parecia vir a aumentar ao longo da prova. De certo modo, considerando o trajecto percorrido pela participante, a recusa neste ponto pode ser considerada expectável, uma vez que este cartão é caracterizado pelo despertar de desconforto, ansiedade e mal-estar, gerado pelo *preto intenso e dispersão*. Por outro lado, o

facto deste cartão remeter para figuras de autoridade, força e poder, poderá justificar a reacção de Júlia ao estímulo, sendo a recusa acompanhada de comentários negativos que poderão remeter para a posição de submissão e dominação, assumida pela gestante. Durante o inquérito Júlia mostra-se mais disponível, atribuindo um sentido à mancha conseguindo realizar uma apreensão global *“Parece uma coisa sentada (...) tem a cabeça parecida com um abutre, mas as características é tipo uma pessoa que está sentada de pernas abertas. (...)”*, mas notando-se alguma confusão e mistura entre a parte animal e a figura humana, mantendo-se no entanto uma tonalidade emocional disfórica *“Isto cansa...”*, que acaba por ser reforçada na prova de escolhas, elegendo como um dos cartões que menos gostou *“São escuras”*.

O cartão V é o que apresenta maior tempo de latência até à primeira reacção, que acaba por ser uma recusa do cartão mas expressa de modo mais vincada do que no anterior *“Ai!... Não sei... É muito difícil!”*. Apesar de ser um cartão que normalmente desperta uma reacção agradável e adaptada, quando existe dificuldade na expressão e representação de si, ou mesmo por consequência da persistência da reacção ansiosa do estímulo do cartão anterior, pode surgir este tipo de reacção disfórica. Este cartão apela à integridade física e psicológica do sujeito, e quando o processo de separação e individuação não é bem sucedido resulta numa *imagem de si* instável, não integrada. Mesmo quando o cartão é novamente apresentado, durante o inquérito, apesar de nesta fase Júlia ter demonstrado uma maior aceitação e contenção face ao estímulo do cartão anterior, parece permanecer a dificuldade na representação. Júlia acaba por, com alguma dificuldade e através de construção, atribuir uma forma de pouca qualidade, aparecendo mais uma vez a tendência para esconder-se *“Este tem a cabeça aqui tipo as antenas do caracol quando saem. Mas aqui parece um peixe que está no mar (...) Esconde-se na areia e depois abre assim”*, revelando a fragilidade da identidade da participante.

Após os impasses e recusas que marcaram a abordagem aos dois cartões anteriores, Júlia entra directamente no cartão VI tendo um tempo de latência curto, 2'', voltando às apreensões globais e atribuindo uma boa forma, sendo mais uma vez uma banalidade *“Tipo cabra, a pele de cabra estendida...”*. Esta abordagem que ao início parece pouco projectiva,

existindo um regresso a um continente que parecia ausente face aos estímulos e conteúdos despertados anteriormente, revela-se mais tarde como algo significativo, uma vez que este animal e mesmo a *pele de cabra* parecem seguir com a apresentação dos cartões, mantendo-se presente nos dois seguintes, sendo importante a compreensão do simbolismo atribuído. Em termos genéricos, a cabra é um elemento, animal, feminino que costuma estar associado a manifestações divinas, sendo escolhido tanto em termos de sacrifício devido à associação a elementos puros, como também é considerado como um benefício para a terra e para o seu povo, simbolizando muitas vezes o agradecimento, adoração ou mesmo a mudança. Este é um animal utilizado frequentemente em cerimónias da etnia *Papel*, quer em situações de festa, agradecimento ou mesmo de purificação. Ainda neste cartão, mas já no inquérito, surge um novo elemento “(...) *Aqui parece uma borboleta.*”, este animal símbolo de transformação e fragilidade pode também ser considerado significativo face à experiência que está a ser vivida pela nossa participante grávida, podendo ser uma tentativa de reparação, reintegração e reconhecimento da sua identidade uma vez que agora encontra-se perante um continente que lhe diminui as angústias.

No cartão VII parece existir uma nova regressão, não conseguindo atribuir uma forma real à imagem, parecendo que está tudo misturado e confuso “*Este é tipo uma coisa que montaram... Uma coisa que juntaram com a outra.*”. Mesmo no inquérito quando é pedida a clarificação, a abstração, hesitação e confusão mantêm-se “*É uma perna. Uma perna montada em cima da outra. Mas não... Tipo uma perna de um porto ou de uma cabra, montadas uma na outra.*”. Este cartão remete para o feminino e/ou materno, reflectindo muitas vezes a relação primária do sujeito e esta oscilação de Júlia que culmina num pormenor pequeno que remete para o mesmo animal referenciado na primeira abordagem à prova *morcego*, reflecte a fragilidade e instabilidade experienciada, recorrendo novamente à procura de uma contenção proporcionada por um elemento real, reforçando os elementos transformadores e a relação continente-conteúdo vivida pela participante.

O cartão VIII parece proporcionar um diminuir do nível de ansiedade, causado pelo apelo que as cores fazem à participante. Este, tal como o cartão X são os escolhidos como cartões preferenciais, sendo caracterizados pela gestante como *coloridos* e *alegres*. Este cartão

evidencia a adaptação e relação do indivíduo com o mundo exterior, considerando a organização interna das suas identificações. Aqui surgem vários elementos e Júlia exprime algum movimento, começando por uma banalidade onde identifica o *rato* que parece querer alcançar a *borboleta* através da *pele de cabra* “(...) Parece que estão em cima da pele de cabra e estão a subir para apanhar uma borboleta assim... Eles encontram-se. É como se quisessem comer...”. A *pele de cabra*, que aparece aqui mais uma vez, é neste caso um símbolo unificador que permite o encontro entre os *ratos*, elementos exteriores, e a procura/tentativa de alcançar a *borboleta*, que poderá simbolizar a Júlia.

A representação relacional parece estar presente e ao contrário do cartão III onde a tendência é sempre para a separação entre as *duas pessoas*, a resposta neste cartão inicialmente remete para o encontro, comunhão, culminando no entanto mais uma vez na divisão “(...) É como se tivessem rachado ao meio(...)”, reforçando a dificuldade na coexistência e a necessidade da quebra/separação para delimitação de espaços, parecendo difícil o estabelecer de uma relação harmoniosa.

O cartão IX é um cartão que invoca movimentos regressivos de simbolismo materno pré-genital, estando presentes os fantasmas ligados à gestação e ao parto. Júlia parece evitar a temática recorrendo à escolha de *caracol*, animal em tudo diferente dos até agora citados mas que é caracterizado por ter a sua própria casa, a sua própria concha o que poderia indicar a recolha e a protecção que procura fazer face aos estímulos exteriores. No inquérito são identificados como estando *encostados* a um *pote virado ao contrário*, procurando ainda continuar a desenvolver a imagem, refere que existe algo pousado em cima dos caracóis “(...) Isto parece uma coisa pousada em cima dos caracóis e do pote...”, algo ao qual não consegue atribuir forma, parecendo no entanto que bloqueia e exerce algum peso sobre eles. Esta referência parece remeter para o cartão IV, lembrando, cartão referente à força, poder e autoridade, onde após a identificação da figura humana sentada, Júlia identifica “(...) Um pilar com alguma coisa em cima (...)”

Por fim, o cartão X caracterizado pela fragmentação da mancha e a presença de cores, solicita a capacidade do sujeito integrar e unificar os elementos dispersos. Júlia identifica

banalidades, tais como, “*caranguejo*” e “*ratos*”, mantendo-se o conteúdo animal que mais uma vez prevalece, tal como foi verificado ao longo da prova.

Neste cartão reaparecem elementos, anteriormente referidos, que parecem resultar de uma construção de imagens dos dois cartões que o antecedem, como se para fechar a prova Júlia apresentasse uma junção/conclusão do que foi emergindo, reflexo do que sente: os ratos, que vêm do cartão VIII e que representam *os outros*, “*Este está tipo... uns dois ratos sentados (...)*”, e a localização dos mesmos “*(...) em cima de uma coisa*”, que seguindo a imagem do cartão IX situam-se por cima de *Júlia*, “*(...) pousada em cima dos caracóis(...)*”. Estes mesmos ratos durante o inquérito de limites parecem ganhar uma nova forma, transformando-se num objecto “*(...) Ao mesmo tempo parece uma boneca que fazem assim, tem dois olhos. Esta é a cabeça e este o corpo. É uma boneca de pau(...)*”, esta boneca acaba por ser a única referência directa a uma identificação feminina ao longo da prova, uma vez que por norma não realizou qualquer distinção. Poderíamos assim concluir que Júlia está presente a pressão/opressão causada pelos elementos femininos que a rodeiam, que olhando novamente para o cartão IV e pensando em figuras de autoridade que poderíamos relacionar com a tia que parece ter um papel dominante no seu círculo familiar.

Análise do psicograma

Relativamente à análise do psicograma, este apresenta um número reduzido de respostas (12), verificando-se que as representações foram realizadas apenas através de dois modos: um centrado em localizações parciais frequentemente utilizadas D (67%) e outro através da apreensão global G (33%). Tanto a utilização destes modos de apreensão, como a ausência de um maior número de respostas são indicadores de alguma resistência e/ou dificuldade de entrega face ao material.

Os mecanismos de defesa de Júlia estão presentes, bloqueando muitas vezes a disponibilidade para a prova, como tal a participante parece procurar elementos familiares, e representações securizantes, que de algum modo permitam que se mantenha ancorada ao real. A maior parte das respostas dadas não são muito elaboradas, rondando as referências familiares e culturais da participante, sem se permitir à exploração, solicitação e revelação a que o objecto convida. O facto de, neste protocolo, as apreensões globais da mancha feitas aparecerem nos cartões que convidam a esse tipo de apreensão, os cartões compactos, e

estarem maioritariamente associadas a banalidades, expressas através de determinantes de boa forma, são mais uma vez indicadores da forma como Júlia se molda ao mundo exterior sem esforço, reflexão ou construção pessoal, reforçando assim a ideia da ausência da vontade de partilha do seu mundo interno, mesmo quando lhe é permitido.

Apesar das localizações indicadas se encontrarem dentro da norma do modo de pensamento colectivo, quando observamos os determinantes verificamos a existência de uma dominância formal F% - 83%, marcada por um elevado número de respostas menos frequentes F - (50%) e com o índice de respostas de boa forma situado muito abaixo dos valores normativos F+ (50%). Estes valores traduzem a tentativa excessiva de identificação de elementos familiares e pertencentes à realidade perceptiva, que muitas vezes não se adequam à mancha ou à localização encontrada, tal como no cartão II “*Este é tipo a máscara de uma pessoa ou quê...*”, onde Júlia que mostrava-se hesitante em dar uma resposta despertada pelos vermelhos presentes, acaba por formular uma onde integra as cores, colocando-as como fundo ou pequenos detalhes “*Tipo o rosto de uma pessoa, mas aqui tem umas pestanas assim (...)*”, evitando assim responder e corresponder à verdadeira solicitação do cartão. O mesmo acontece no cartão III no qual, de modo a poder apaziguar as pulsões despertadas pelo modo relacional intenso e divergente descrito, identifica um *morcego* num detalhe do cartão na tentativa de retorno à primeira resposta da prova, onde apesar de encontrar-se um pouco tensa, a ansiedade era menor. A divisão da mancha deveria facilitar ou melhorar o controlo perceptivo da imagem, mas no caso de Júlia resulta muitas vezes numa atribuição formal inadequada, este aspecto é revelador da dificuldade de equilíbrio entre as componentes projectivas e perceptivas dos cartões. A apresentação de respostas D têm também a função de mecanismo de defesa, servindo para conseguir manter um maior domínio sobre as emoções e os afectos que poderiam ascender mais facilmente numa apreensão global.

Os elementos enunciados ao longo do protocolo, por norma de conteúdo animal, parecem assumir a função de continente, securizando, organizando e delimitando a entrega psíquica face à angústia despertada pelos cartões. Devemos lembrar que Júlia pertence a uma etnia animista, sendo natural a ligação à natureza como elemento apaziguador, logo o valor de A% (83,3%) que encontra-se bastante acima dos valores normativos, por um lado poderá ser indicador de adaptação superficial e rígida à realidade, mas por outro poderá ser a forma como Júlia consegue expressar e representar as relações e o seu mundo interno. Os animais que aparecem mais do que uma vez ao longo da prova são: o *morcego*, que assume o papel de continente cada vez que Júlia sente estar desamparada, a *borboleta*, que representa

Júlia, que numa altura em que existe o apelo à regressão a participante opta pelo *caracol* como representante de *si*, a *cabra*, que simboliza o divino, a adoração, o sagrado e a comunhão, e o *rato*, que parece referir-se às pessoas significativas presentes no seu mundo exterior e às relações que estabelecem entre si e com a gestante.

Quanto a outros determinantes identificados, no protocolo surgem apenas duas cinestésias, uma grande K e uma animal kan, ambas associadas a banalidades. As duas cinestésias presentes simbolizam uma relação onde apesar de existir um encontro é necessária a afirmação da separação e imposição de limites, como se não fosse possível a partilha e uma relação tranquila. No caso do cartão III entre duas “(...) *peessoas que pegaram numa coisa assim e que estão a dividir ao meio. (...) cada um quer cortar para poder ficar com um bocadinho, um bocadinho...*” e no cartão VIII entre dois ratos “(...) *estão a subir para apanhar uma borboleta assim... Eles encontram-se. É como se quisessem comer... (...) é como se tivessem rachado ao meio...*”. Tanto o cortar aos *bocadinhos* como o *rachar ao meio* são indicadores desta dificuldade relacional que parece derivar de uma necessária anulação do eu quando em relação com o outro, sendo necessária uma separação notória.

Tal como tem sido verificado ao longo da análise do psicograma, Júlia apresenta pouca variedade na forma de aproximação à mancha, presente quer nos modos de apreensão, quer na dominância dos determinantes formais, não se tendo alongado muito em cada cartão. Em relação aos conteúdos a situação mantém-se, não existindo grande diversificação, estando presente apenas conteúdo animal, humano e objecto. Neste protocolo o conteúdo animal é o que predomina, constituindo 10 das 12 respostas, das quais 5 são banalidades, o que se por um lado pode ser indicador da atitude defensiva da participante, mas por outro, como já foi referenciado, poderá estar relacionado com a cultura a que pertence e aos significados que determinados animais assumem.

Relativamente aos determinantes sensoriais, apesar de não existir nenhuma resposta cor, existe um elevado índice de Reactividade à Cor RC (50%), obtido principalmente através de respostas formais, o que revela sensibilidade às características do objecto, induzido especialmente pela diversidade de cores. Considerando as respostas obtidas, são as cinestésias que dominam tanto na Forma Complementar (FC) como no Tipo de Ressonância Íntima (T.R.I.), que é introversiva, mostrando assim a marca pessoal da participante através da modificação dos elementos perceptivos.

Na prova de escolhas, Júlia seleccionou o cartão VIII que remete para a capacidade de adaptação ao mundo exterior e também o cartão X, que reflecte a capacidade de integração e

unificação do indivíduo, movimento que Júlia foi tentando fazer ao longo da prova, caracterizando-os como os “*mais alegres*”. Quanto aos cartões que menos gostou, os seleccionados foram o que remete para a representação de si e para a questão da identidade, cartão III e o que invoca a relação com figuras de poder e autoridade, tendo-os descritos como *escuros*.

Devemos por fim ainda considerar a recusa feita a dois cartões durante a aplicação da prova. Quando confrontada com o cartão IV tem uma reacção de afastamento que poderá estar relacionada com a dificuldade de entrega à prova e com a ressonância do corte relacional identificado no cartão anterior, ou mesmo com a dificuldade relacional com figuras de poder e autoridade. Já no inquérito de limites, acaba por realizar uma apreensão global da imagem que resulta numa representação humana, identificando também numa parte da mancha um objecto, ambos com boa forma. Quanto ao cartão V parece existir um maior conflito interno face ao exposto, realizando durante o inquérito alguns comentários em forma de construção que acabam por resultar numa forma de pouca qualidade que sugere a ocultação, o esconder, o que é interessante considerando o conteúdo latente deste cartão.

4.2 – Análise da entrevista

Devemos desde já fazer a ressalva de que em certos momentos a entrevista acabou por ser semi-estruturada, não respeitando na totalidade a ausência da intervenção/condução por parte da investigadora, que é requerida pelo método de associação livre. No entanto tentámos sempre colocar perguntas o mais abertas possíveis, permitindo à participante a realização livre do seu processo associativo.

A entrevista foi iniciada com uma pergunta aberta *“Como é que tem sido a tua gravidez”* à qual Júlia responde prontamente *“A minha gravidez eu não a sinto...”*, tentando logo de seguida corrigir ou invalidar o que expressou *“(…) Não sinto nenhuma dificuldade, porque desde que estou grávida que não tenho nenhuma queixa, problemas ou coisas desse género... Estou normal...”*, oscilando entre o conflito interno vivido e sentido, e a necessidade de conter e normalizar a sua experiência. Júlia parece perdida entre *o que sente e o que deve sentir*, procurando numa descrição mais corrente um continente contendor, proporcionado através do relato das alterações físicas vivenciadas, evitando assim o sentir e o expressar das transformações psicológicas em curso. A *ausência de sentir*, inicialmente identificada, é contrastada com a forma como, mais adiante, descreve os movimentos do bebé *“Mexe-se muito! Fica a empurrar-me para um lado. Empurra-me, empurra-me!”*, expressando mesmo que as reacções são mais intensas quando as necessidades do bebé não são satisfeitas *“Então se eu não tomar o pequeno-almoço ou não almoçar ehh... aí é que dá-me mais trabalho!”*, assemelhando-se ao despoletar do conflito interno característico da gestação e maternidade, entre a satisfação das necessidades próprias e as necessidades do bebé.

Após a resposta inicial, parece retrair-se um pouco e como tal foram colocadas algumas questões, procurando reduzir a tensão sentida. Júlia tenta então mostrar que a gravidez não a condiciona, podendo manter os vários tipos de actividade habitual sem restrições *“Onde quer que queira ir posso ir e voltar normalmente. (...)”*, falando-nos sobre o exercício que faz *“Faço ginástica com a minha barriga (passava as mãos na parte de cima da barriga para poder mostrar). Danço. Tudo normal...”*, o que difere de algumas das situações que acaba por partilhar *“Não consigo dormir, não consigo fazer nada enquanto não comer.”*

O tema da entrevista foi então direcionado para a recolha de informação acerca da etnia, procurando clarificar as origens de Júlia e perceber melhor as cerimónias realizadas durante o período de gestação, características da etnia *Papel*. Este pequeno desvio permite também uma maior entrega da participante que, ao poder partilhar o seu conhecimento e relatar as suas experiências, vai-se mostrando cada vez mais aberta e colaborante, ficando mais à vontade com o decorrer da investigação.

Devemos considerar que durante o relato das cerimónias, maioritariamente descritivo, são partilhados alguns elementos importantes, tais como a relevância que os anciãos, *gintis garandis*, têm no processo de aceitação e negociação da nova condição desta jovem. Todo este processo e o assumir de um compromisso de honra é efectuado por estes elementos, normalmente pertencentes ao sexo masculino, existindo no entanto pelo menos um elemento feminino que permite a clarificação de alguns dos elementos, símbolos e significados presentes na cerimónia “(...) *A tia dele é que ia fazendo as perguntas, o que eu não sabia ela explicava-me e depois eu tinha que repetir em voz alta para os mais velhos, que estavam sentados, poderem ouvir...*”. Surge também nesta partilha, a imagem da *tia* da jovem como um elemento símbolo de controlo e restauração da ordem, durante a realização das cerimónias “*Temos que estar de cócoras e inclinadas, se não estivermos na posição certa dão-nos com a matampa (pau, chicote). Esta é a minha tia tem a matampa (...)*”, papel esse que parece assumir em diversos momentos de gestão da vida familiar da participante.

Prosseguindo, foi questionado a Júlia como imaginava ser mãe, ao que ela responde prontamente “*Eu sinto orgulho em ser mãe, sinto-me muito contente de poder ter um bebé um dia, de estar com ele. Eu sinto-me bem...*”, sentimento positivo e de aceitação mas que, com o desenvolver da entrevista, verificamos ser relativamente recente. Inicialmente prevaleceu a ansiedade e o medo de rejeição por parte da família, que é sentida como uma ameaça à sua identidade e pertença social, com risco de abandono “(...) *Eu tinha que tirar, não podia ficar com o bebé, porque senão podiam expulsar de casa e essas coisas assim...*”. Mesmo por parte do grupo social é sentida alguma pressão e a ausência de apoio/suporte “(...) *Se me expulsassem onde é que eu iria ficar? Na rua? Ninguém ia aceitar acolher-me(...)*, experienciando assim um grande conflito na tomada de decisão entre a continuidade da gravidez, defendida pelo pai do bebé “*Ele disse-me que é contra o aborto, que não queria que eu tirasse.*”, e a interrupção da mesma, face a possibilidade da não aceitação e julgamento por parte do grupo familiar e social a que pertence. Este conflito vem também alertar-nos para as

dificuldades de Júlia no processo de tomada de decisão, parecendo não ter voz e estando dependente das figuras significativas, ou mesmo do seu meio social e cultural.

A descoberta da gravidez é relatada transmitindo a negação inicial, que segundo a gestante deveu-se ao facto de ser uma experiência nova e desconhecida *“Eu não sabia que estava grávida, porque eu nunca estive grávida.”*. Mesmo quando questionada pela familiar, a prima, durante algum tempo no qual conseguia observar alterações físicas, e aliadas à ausência da menstruação, Júlia continuava a negar a possibilidade de estar grávida *“E eu disse-lhe – não aconteceu nada, eu não estou grávida”*. Quando confrontada com o resultado do teste emergem as ansiedades e os medos face à reacção do outro (o companheiro, a família, o grupo...) *“Comecei a chorar, não sabia o que fazer e liguei ao Luís (...) eu tinha medo dos meus pais”*. Júlia parece imersa em anseios e ausente de vontades, transparecendo que qualquer decisão relativamente à gravidez é totalmente externa *“Acabaram por me deixar...”*. Júlia revela uma identidade frágil e em (trans)formação, parecendo encontrar-se à deriva entre três mundos: o de jovem, o de mulher e o de grávida. Este será um dos temas que posteriormente iremos debater, relacionando-o também com a cultura, uma vez que a ausência de posicionamento potencializa a tomada de decisões pelo grupo externo.

É nesta altura, da tomada de conhecimento e decisão, que surge no diálogo a *tia*, que parece ser um elemento significativo uma vez para além de tentar impor a sua vontade *“(...) A minha tia disse logo que eu não ia ter(...)”*, parece ser, como já tinha sido referido, um elemento de poder e que relembra e remete para a organização social e os papéis atribuídos a cada um *“Tinha que tirar porque ainda sou uma criança e estou a estudar. Ele é um homem formado e precisa também de uma mulher formada.”*. É a tia quem se reúne e discute a possibilidade da continuidade da gravidez com o pai do bebé, acabando por ceder face ao perigo que acarretava a interrupção da mesma. Este elemento tem um papel dominante, mantendo-se sempre como organizador e controlador *“(...) A minha mãe só chorava, ela não dizia nada, a minha tia é que estava a falar com a minha irmã... Acabaram por deixar... A minha tia chamou o meu pai para poder contar-lhe. O meu pai disse que não ia falar com o Luís, nem com ninguém da família do Luís até que tomassem uma decisão. Quando eles decidissem algo certo então aí ele vai e senta-se com eles para conversar. (...)”*, sendo a mesma que acompanha Júlia para a entrevista, mantendo-se por perto no decorrer da mesma e aproximando-se a determinada altura para colocar questões.

Após a descrição dos vários movimentos externos, e tentando redireccionar para a experiência interna de Júlia, é questionado como é para si a experiência que está a ser vivida

“E para ti? Porque estás a contar-me o que a tua tia sentiu e o que o teu pai sentiu, mas e tu?”. Júlia revela o sentimento de ambivalência face à descoberta da gravidez, oscilando entre o querer realizar a interrupção e o desejo de seguir com a gestação, estando presente o medo da morte e do desconhecido associado a qualquer um dos movimentos *“(...) Eu queria tirar e não queria tirar... Estava com medo. Ficava a pensar, se tirar será que não vou morrer? (...) Eu tenho medo... Como é que eu vou ter? Eu que sou assim pequenina, por onde é que o bebé vai sair? Estas coisas todas passavam-me pela cabeça. Ficava a pensar - Será que Deus vai dar-me força, para conseguir ter um bom parto? (...)”*. As decisões relativamente à gestação e mesmo relativamente ao curso da sua vida, parecem estar sempre no mundo externo. Através do seu relato, a participante transmite a ideia de que todos sabem o que se passa, o que fazer e como fazer, menos ela. Júlia não parece possuir uma identidade coesa que lhe permita pensar sobre as transformações vividas e as alterações experienciadas, sem que haja intervenção de terceiros.

Ao remeter para a questão da experiência corporal *“E como é que tem sido para ti o crescer da barriga... Sentir o bebé?”*, procurando compreender como esta é sentida, Júlia parece inicialmente identificar como uma situação controlada *“Tenho vivido bem com isso. Não me dá dificuldades... Nada, sinto-me bem... (fica em silêncio)”*, o aumento da hesitação e a pausa no final indicam no entanto alguma dificuldade também transformar e integrar esta experiência. Lembra então um episódio no qual sentiu maiores dificuldades, onde procurava através da via oral uma satisfação *“Só houve uma vez em que doeu-me a barriga durante a noite. Nesse dia também comi demais!(...)”* que acabou por resultar em mal estar *“(...) Depois comecei a chorar, não conseguia dormir... Doía-me a barriga. Também nunca mais, agora como sempre normalmente. Eu antes começava a comer e parecia que não estava a comer, então comia e não parava até sentir que estava cheia. Comia, comia, comia... Quando parei de comer é que percebi que afinal estava tão cheia que não sabia o que havia de fazer! A barriga até estava apertada! Comecei a chorar...”*. Júlia parece tentar preencher o vazio interno através dos alimentos, no entanto não só este movimento não tem o resultado procurado, como acaba por despoletar uma angústia maior, passando este gesto, que deveria ter uma função contentora e de satisfação, para o de caos e angústia interna.

O medo do desconhecido permanece, estando agora relacionado com o momento do parto. Este medo está presente não só pela experiência em si, como pela escolha do local para o nascimento do bebé, decisão essa que mais uma vez não lhe pertence *“Ele (Luis) disse para eu ir, estou só à espera que passem as eleições lá para poder ir. Eu disse-lhe que a barriga*

está muito grande... Não sei se vão deixar-me viajar assim de avião. Eu disse-lhe se ele quer que eu vá então tem que tratar de tudo rápido... Se não conseguir tratar então ele que deixe e eu tenho o bebé aqui em Bissau (...) Eu acho melhor no Senegal... Mas o que tiver que vir virá... É normal... (silêncio) (...) Mas o Luís gosta muito de andar de um lado para o outro. Eu digo-lhe só que estou à espera para saber o que ele tem a dizer... (silêncio) (...)”.

Devido às condições médicas locais e a histórias ouvidas, existem alguns fantasmas presentes relacionados com o parto em Bissau “(...) *É que aqui em Bissau se não tiveres condições, se estiver a doer-te a barriga, deixam-te e não cuidam de ti (...)*”, existindo o receio do abandono e da falta de cuidado “*Mesmo que estejas a ter a criança não cuidam de ti, se não deres dinheiro... Se for para morreres, vais morrer com o teu filho (...)*” que acaba por associar-se mais uma vez ao medo da morte, neste processo em que se gera vida. Apesar de existir um desconhecimento total de como será no país escolhido para o nascimento do bebé “(...) *No Senegal não sei se tratam melhor as pessoas, não sei (...)*” a ideia de que o parto em Bissau é um tormento, repleto de angústias e maus tratos é o que prevalece “*Quando estão a atender-te, imagina estás a ter o filho na marquesa e começam a dizer-te “padi rápido! Ah Djanti!” (dá à luz rápido, despacha-te!) (...)* Não têm paciência com as grávidas... Ficam só a dizer “Faz força!” e assim... Dizem-te um monte de coisas... É mais por causa disso.”. Júlia considera que o atendimento quer a grávidas, quer ao próprio bebé estão carregados de riscos, condicionados também pela ausência de experiência “*Mas aqui em Bissau? Hmmm é difícil! É mesmo difícil... Não te tratam bem... A pessoa que vai segurar no bebé para tirar (na altura do parto) às vezes nem sabe fazê-lo, não sabe segurar bem. É como esta minha tia, irmã mais nova da minha mãe, quando ela estava a ter o bebé não sei o que puseram lá dentro... ”.*

Júlia expressa ainda os seus receios e preocupações falando sobre o desejo de ter a ajuda da mãe, pessoa significativa com quem desenvolveu a relação primária, neste momento transformativo, referindo também o desejo que a mãe tem de acompanhá-la nesta fase, de modo a poder ser o elemento transformador e securizantes nesta relação continente/conteúdo que se devolve e revive “ (...) *Como é que vou ter a criança? Isso é que me preocupa. Queria que a minha mãe ajudasse nesta parte (...)* Eu quero ir com a minha mãe (...) *Por causa do parto, ela sabe como é que é. Já teve filhos... Ela disse que quer ir comigo mais por causa dos pontos... Aquele sangue... Para ela poder tirar a minha cueca e lavar... Não quer que seja outra pessoa a fazer-me isso. Porque ela é que é minha mãe ela é que quer fazer-me tudo. Se os pontos estiverem a cair ela é quem vai saber tirá-los bem... Sentar-me na água*

quente e fazer-me essas coisas assim... Não quer que ninguém me faça isso, por isso é que ela quer (...) Ela quer ir cuidar de mim (...)". Júlia identifica a mãe como a pessoa que poderá ajudá-la neste processo devido ao seu conhecimento e experiência, permitindo assim também a Júlia um espaço para criar a relação com o seu bebé.

Após este tema que levou ao aumento do desconforto da participante, tendo culminado num silêncio prolongado com um ar pensativo e preocupado, a entrevista continuou abordando agora as actividades feitas por Júlia, tendo seguido para mudanças vivenciadas ao longo da gestação. Júlia começa por falar na dificuldade em reconhecer-se ao deparar-se com a sua imagem num vídeo, gravado durante o quinto mês de gestação "*(...) Há um filme que a minha amiga fez de mim a dançar kuduro. Dancei do início ao fim (...) Acho que tinha cinco meses ou quê... Quando vejo mal posso acreditar que sou eu! (...)*". De certo modo parece que regressámos aos temas iniciais, onde tenta mostrar que não tem condicionamentos devido a estar grávida "*(...) Agora com oito meses fui nadar! As pessoas ficavam a olhar para mim admiradas... Não conseguia nadar, então fiquei na borda a boiar... (silêncio)*".

Aproveitamos o silêncio para dar continuidade, questionando acerca das mudanças experienciadas "*Tiveste que mudar alguma coisa na tua vida desde que engravidaste?*". Júlia descreve-se como *complexada*, tendo inicialmente optado por ficar em casa deixando de sair. A aceitação tanto por parte do grupo de pares, como pelo meio social parece ter grande peso para a gestante "*(...) Sinto-me complexada quando estou com as pessoas... Naquela altura não queria sequer sair à rua... Não queria que as pessoas me vissem... Iam começar a dizer - Olha, esta está grávida! É uma criança... E não sei quê... (...) As minhas amigas encorajam-me para sairmos juntas (...) Mas aqui em Bissau é que ficam a falar nas costas, olhar de lado e comentar. Tens só que saber o que queres fazer, não liguas ao que as pessoas dizem. Tu já estás grávida. Deus quis assim, não há nada a fazer... Tens só que ser responsável porque aqui tens que ser responsável, para seres mãe! (silêncio) (...)*", verificando-se mais uma vez a oscilação entre as identidades que a compõem. Júlia parece também preocupada com algum julgamento que poderia surgir por parte da entrevistadora "*(...) Deves estar a pensar que tenho que tirar estas criancices da cabeça... São coisas de criança...*", sendo esta angústia recebida, transformada e devolvida de modo a tranquilizar a participante.

Júlia identifica ainda o conflito vivido com o pai da criança devido às saídas e passeios "*O Luís disse que "A gravidez está na moda...", perguntou se eu também estou na moda e eu perguntei-lhe se não podia estar na moda! Se tinha que estar como uma mindjer garandi, sentada em casa, preocupada com a minha vida... Eu disse-lhe que isso não vou fazer...*

(silêncio)”, onde Júlia parece expressar um pouco da sua vontade de não assumir o papel de *mindjer garandi* que lhe querem atribuir.

É de notar que o cuidado e amor pelo bebé é apenas referido quando em interacção com a entrevistadora, falando de um que não o seu *”Tens que ter para “n ba ta amau bebé” eu poder cuidar/amar (d) o teu bebé.”*, facto que no momento não foi valorizado, mas que talvez através da resposta dada *“Hmmm... Ou brincar (continuamos a rir)”* poderá ter bloqueado o desenvolver deste sentimento *“Sim para poder brincar com ele... (silêncio)”*. Por fim, espontaneamente, já no encerrar da entrevista, Júlia fala sobre o sexo do bebé e sobre a diferença de desejos expressos entre ela e o pai *“O Luís diz que quer rapaz, eu quero menina! (...) Quero só uma menina... Uma menina é só o que eu quero... Ele diz que quer menino. E eu disse-lhe “hmmm... Eu rezo todos os dias de noite antes de dormir! Então Deus vai estar mais comigo do que contigo... Se eu tiver um rapaz vou-me zangar com Deus! (...)”* parecendo pela primeira vez que a sua vontade tem voz e exprimindo-se com convicção. No entanto quando questionada acerca da atribuição de nomes a sua vontade e desejo deixa novamente de existir *“Não... Ele é que ficou de pensar nos nomes, ele é que vai escolher o nome. E eu disse-lhe tudo bem... Eu só pensei em juntar os nossos nomes... E ele disse que não quer assim. E que só vai pensar em nomes de rapazes. E eu disse-lhe muito bem, quando nascer dizemos só que é tua filha, mas que não tem nome. Ele disse que não há problema... Eu disse-lhe quando escolheres diz-me...”*.

Como já foi referido, o segundo encontro foi realizado no dia anterior à partida da participante, o que permitiu apenas a aplicação da prova terminando com uma conversa rápida.

Análise das temáticas principais

Durante a análise da entrevista, emergiram alguns temas que caracterizam e marcam este processo transformativo experienciado por Júlia. Iremos agora destacar os que considerámos mais relevantes: a Identidade (formação e transformação), a Cultura (*gintis garandis*, feminino e masculino) e Continente/Conteúdo (tomadas de decisão e dependência das figuras significativas) advertindo para o facto de apesar de os identificarmos separadamente, estes serem temas transversais, intimamente relacionados, não sendo independentes.

1. *Identidade e Identidades – Formação e transformação*

O tema da identidade é inerente ao processo de gravidez, estando a gestante sujeita às várias mudanças e transformações que caracterizam este período. No caso da nossa participante, Júlia parece ter uma identidade em (trans)formação, frágil e suspensa entre as várias que a compõem, apresentando dificuldades na integração das mesmas.

Logo de início a jovem expressa o reconhecimento do sentimento de orgulho que esta nova fase desperta em si “*Eu sinto orgulho em ser mãe (...) Eu sinto-me bem...*”, parecendo estabelecer desde logo uma ligação positiva com o seu bebé, estando disponível para esta nova relação “*(...) sinto-me muito contente de poder ter um bebé um dia, de estar com ele (...)*”. Este movimento remete-nos para a subjectividade materna, que vai sendo construída ao longo do tempo através das relações intra e intersubjectivas vivenciadas pela gestante. No entanto, ao longo da entrevista, verificamos que o relacionamento entre a grávida e o bebé, ou mesmo os afectos partilhados entre ambos, não têm um lugar de destaque na narrativa, parecendo esbatidos ou esquecidos perante as outras partilhas. A relação com os *outros* parece prevalecer, tendo um grande peso e importância no processo de identificação e afirmação de Júlia, dando a sensação de que a nossa participante encontra-se à deriva entre as várias identidades que a compõem: a identidade de mulher, a identidade de grávida e, apesar de já ter 20 anos, a identidade de criança, identificadas e assinaladas ao longo do discurso através de afirmações da própria ou de atribuições das pessoas que a rodeiam.

Relativamente a ainda ser vista como uma criança, ao longo da entrevista Júlia refere esta atribuição pelo menos de três formas diferentes: através do olhar da tia, através do

possível julgamento por parte do grupo social e através de considerações pessoais. Quando confrontada com a gravidez da sobrinha, a tia automaticamente inviabiliza a possibilidade do prosseguimento da gestação uma vez que não reconhece Júlia como uma mulher “*A minha tia disse logo que eu (...) tinha que tirar porque ainda sou uma criança*”. Esta ideia é reforçada através do esclarecimento dos estatutos atribuídos ao casal, vendo Júlia como uma criança estudante e identificando Luís como um homem, merecedor de uma mulher formada “*(...) ainda sou uma criança e estou a estudar. Ele é um homem formado e precisa também de uma mulher formada.*”. O estatuto de mulher e de adulta são assim negados a Júlia, não permitindo que esta assuma um lugar ou exprima a sua vontade, acabando por prosseguir com a gestação devido à impossibilidade de realizar uma interrupção devido ao risco elevado que acarretaria e, de certo modo, por existir uma responsabilização por parte do pai do bebé “*(...) ele é mais velho do que eu, percebes? Só que ele disse que não, que ele ia assumir todas as responsabilidades...*”. Observando as dinâmicas relacionais e a tomada de decisão neste caso, vemos que Júlia é colocada de parte, como uma criança, enquanto a tia e Luís, os adultos, decidem o que fazer.

Quando partilha as mudanças causadas pela gravidez, Júlia começa por falar sobre o desconforto que sente quando está em contacto com outras pessoas “*Sinto-me complexada quando estou com as pessoas...*”, descrevendo de seguida a forma como imaginava que seriam as reacções iniciais por parte do grupo social “*Iam começar a dizer - Olha, esta está grávida! É uma criança... E não sei quê...*”, terminando o partilhar das suas angústias e medos com a procura de apoio ou validação por parte da entrevistadora, mas tentando desvalorizá-los identificando como medo infantil “*Deves estar a pensar que tenho que tirar estas criancices da cabeça... São coisas de criança...*”. O facto de ser vista apenas como jovem ou criança e não como *mulher* faz com que o medo de abandono e rejeição estejam presentes de forma intensa, já que seria mais difícil uma aceitação, tanto por parte de Júlia como dos *outros*, de uma experiência que não pertence ao estágio de desenvolvimento em que a integram.

Júlia parece não se reconhecer e identificar como *mindjer*, estando a sua identidade à deriva entre ser criança, ser jovem e o que significa ser mulher. Apresenta alguma recusa e resistência face a possibilidade de assumir o papel de mulher, uma vez que no imaginário de Júlia, o *ser mulher* aparece intrinsecamente ligado a um papel atribuído pela sociedade com o qual não se identifica, sendo necessária a adopção de uma postura, comportamentos e assumir de responsabilidades com as quais não se sente confortável “*(...) Eu perguntei-lhe (ao Luís)*

se não podia estar na moda! Se tinha que estar como uma mindjer garandi, sentada em casa, preocupada com a minha vida... Eu disse-lhe que isso não vou fazer... (silêncio)”.

Esta incapacidade de reconhecer-se como mulher expressa alguma imaturidade por parte da participante, reflectindo-se inevitavelmente na formação e transformação da sua identidade de grávida. Logo no processo de descoberta da gravidez, apesar dos indicadores, ausência da menstruação, e das chamadas de atenção por parte da prima, que alerta-a para as alterações corporais que observa, Júlia nega a possibilidade de estar grávida “(...) *não aconteceu nada, eu não estou grávida (...)*”, defendendo posteriormente que a negação derivava unicamente do facto de ser uma experiência nova e desconhecida “(...) *Porque eu não sabia! Eu nunca estive grávida!*”. Mesmo com o avançar da gravidez, confrontada com a sua imagem, Júlia continua a mostrar alguma dificuldade em identificar-se como grávida “*Há um filme que a minha amiga fez de mim a dançar (...) Acho que tinha cinco meses ou quê... Quando vejo mal posso acreditar que sou eu! Dancei tanto!*”.

Nesta experiência, Júlia recorre à relação primária para diminuir o medo do desconhecido e da descoberta, apaziguando os anseios através de um elemento significativo que já tenha passado pela mesma transformação, a mãe. Assim, a mãe de Júlia parece assumir um papel importante na formação e coesão da identidade de grávida tanto pela experiência que possui “(...) *Ela sabe como é que é. Já teve filhos... (...)*”, como pelo cuidado e assistência que poderá dar “(...) *Porque ela é que é minha mãe ela é que quer fazer-me tudo. Ela quer ir cuidar de mim... Eu disse-lhe está bem...(...)*”, elementos que transmitem segurança à gestante, sendo a mãe o continente transformador das angústias, nomeadamente a angústia de morte, e anseios que surgem ligados ao parto.

Através da entrevista, podemos identificar em Júlia várias identidades em movimento, que se ligam e desligam, que se tocam e se afastam, não conseguindo formar um todo coeso e seguro. A identidade desta gestante parece estar dividida como um puzzle em construção, com algumas peças por descobrir, onde a representação de si acaba por estar quase sempre condicionada face a aprovação, ou indicação, do outro, parecendo que Júlia não tem voz, vontades e desejos, resultando por vezes na confusão deste *eu*.

2. *Cultura – Gintis garandis, Feminino e Masculino*

Relativamente à cultura, a etnia a que nossa participante pertence, *etnia papel*, tem como grandes tomadores de decisão os elementos mais velhos, *gintis garandis*, sendo-lhes reconhecida a sabedoria e serenidade necessária para a tomada de grandes decisões. Pelos relatos e conhecimento acerca da etnia, verificamos que existe realmente uma distinção de papéis vincada e imposta que é regulada pelo grupo social.

Face à vivência desta gravidez, inesperada, podemos observar os diversos movimentos que surgem relativamente à definição de papéis, atribuição de lugares e diferenciação entre géneros, que tomam lugar. Verificamos que as figuras masculinas e femininas assumem diferentes responsabilidades, em diferentes momentos de acordo com o tipo de decisão a ser tomada. Quando surge o conhecimento da gestação, para além do pai do bebé, todos os outros elementos envolvidos neste processo de decisão, da interrupção ou continuidade, são do sexo feminino. Do lado da gestante, temos a mãe, a irmã mais velha de Júlia, a tia e Júlia. Face ao sucedido a irmã mais velha de Júlia assume uma posição de escuta, a mãe não consegue tomar decisões ou colocar questões "(...) *A minha mãe só chorava(...)*" e a tia, *mindjer garandi*, que é quem assume o controlo da situação, lidera as conversações e a tomada de decisão. Júlia apesar de estar presente é como se não estivesse pois não possui o direito à opinião, nem é considerada como ouvinte, devendo simplesmente seguir e fazer o que lhe é indicado, aguardando a decisão final que lhe seria comunicada. Da parte do pai do bebé, Luís faz-se acompanhar pela irmã que é quem conversa e acalma a tia de Júlia.

Após a ida à consulta e face a impossibilidade da interrupção da gravidez, são chamados os elementos do sexo masculino para o processo de decisão, existindo uma alteração de papéis. Uma vez que a questão não foi resolvida, os homens assumem o controlo da situação procedendo a reflexões e negociações, deixando as mulheres de terem espaço de pronúnciação "*O meu pai disse que não ia falar com o Luís, nem com ninguém da família do Luís até que tomassem uma decisão. Quando eles decidissem algo certo então aí ele vai e senta-se com eles para conversar.*".

Perante este posicionamento do pai de Júlia, são os *homis garandis* da família do Luís que vão apresentar a proposta de resolução através da realização de uma cerimónia repleta de simbolismo "*(...)Estás a ver, só no dia de leba cabaz é que ele sentou-se com a família do Luís, para acordarem o que era para fazer...Uma coisa certa...*".

Nesta cerimónia são assumidas as responsabilidades por parte do pai do bebé e por parte da família do mesmo, no entanto o *cabaz* vai preenchido por elementos fornecidos pela família do homem, com o intuito de ensinar à mulher os comportamentos que esta deve adoptar na vida de casal, para com a família e para com a sociedade. A mulher também deverá passar um período em retiro de modo a poder ser considerada apta/pura para esta nova relação. Apesar de existirem alguns rituais/disputas que simbolicamente serviriam para distribuir o poder e a autoridade entre o casal “(...) *Qui rabata, rabata, (é uma espécie de competição) quem comer primeiro, quem puser a comida na boca primeiro é que vai mandar no outro (...)*”, o papel de destaque e privilégio é quase sempre atribuído ao homem, ficando a mulher em segundo lugar, com o dever de aceitação e submissão simplesmente devido ao género a que pertence “(...) *O Luís lavou as mãos primeiro, como ele é que é o homem.*”. Por um lado, Júlia verbaliza que não concorda e não aceita o papel de *mindjer* que lhe é imposto pelo grupo, e sugerido por Luís “(...) *Perguntou se eu também estou na moda e eu perguntei-lhe se não podia estar na moda! Se tinha que estar como uma mindjer garanti, sentada em casa, preocupada com a minha vida... Eu disse-lhe que isso não vou fazer... (silêncio)*”, mas por outro apercebemo-nos que apesar desta contrariedade, acaba por adoptar sempre uma atitude passiva, deixando que quem a rodeia decida o que e como ela tem que fazer, o que se pode verificar novamente nestas passagens, tanto em relação a consultas “*Eu digo-lhe só que estou à espera para saber o que ele tem a dizer... (silêncio)*”, como relativamente à escolha do nome do bebé “(...) *Ele é que ficou de pensar nos nomes, ele é que vai escolher o nome (...)*Eu só pensei em juntar os nossos nomes... (...) *Eu disse-lhe quando escolheres diz-me...*”.

Devemos também assinalar que existe um julgamento social associado ao facto de Júlia ter engravidado, no entanto essa pressão social não está presente quando se fala de Luís “(...) *eles disseram que foram eles quem mandaram o Luís levar o cabaz. Foi por minha causa que ele teve que o trazer.*”, mostrando mais uma vez a diferença de papéis e o peso/responsabilidade/culpa que é atribuído sobre cada uma das partes. Por imposição dos costumes étnicos, Luís não tem uma participação activa nem nas conversações, nem na realização da *cerimónia leba cabaz*, tendo de ser representado através dos elementos familiares, já Júlia, como foi referido é questionada de modo a poder provar que tomou conhecimento e consciência do que lhe compete “(...) *A tia dele é que ia fazendo as perguntas, o que eu não sabia ela explicava-me e depois eu tinha que repetir em voz alta para os mais velhos, que estavam sentados, poderem ouvir(...)*”.

Posteriormente ao acordo e compromisso assumidos e honrados, os elementos do sexo masculino voltam a sair de cena, assumindo novamente as mulheres o controle, quer seja para instruir Júlia relativamente à relação de casal ali representada, quer seja no acompanhamento da gravidez da nossa participante.

Verificamos ainda que esta questão do feminino e masculino encontra-se presente na definição da preferência do sexo do bebê, existindo opções diferentes no casal. Luís deseja que o bebê seja um menino “(...) Ele só sabe que quer um rapaz.”, no entanto Júlia quer uma menina, dizendo mesmo que se zangará com *Deus* se assim não for “(...) Quero só uma menina... Uma menina é só o que eu quero... (...) Se eu tiver um rapaz vou-me zangar com Deus! (...) Vamos esperar e vamos ver quem é que Deus vai ouvir, porque eu rezo!”, ou seja se a sua vontade e desejo não forem satisfeitos.

3. **Continente/Conteúdo** – *Tomadas de decisão e dependência das figuras significativas*

Nesta última grande temática identificada, vamos explorar a relação de Júlia com *os outros* (bebê, Luís, família e sociedade), tentando compreender a importância que estas relações assumem na vida da participante.

Começando pela relação com o bebê, as menções feitas a esta ligação são especialmente relacionadas com a satisfação das necessidades do mesmo. Júlia tem o papel de receber os pedidos e queixas do bebê, expressas através do movimento no útero, compreendê-los e devolver de modo harmonioso, evitando assim desconforto para ambos. Queremos com isto dizer que é importante que a gestante consiga diferenciar os significados dos diferentes movimentos do bebê “(...) *Mexe-se, mexe-se! Vira, Vira. (o bebê) Então se eu não tomar o pequeno-almoço ou não almoçar ehh... aí é que dá-me mais trabalho! Não consigo dormir, não consigo fazer nada enquanto não comer...*”, de forma a conseguir responder de modo apropriado às suas solicitações, sem que isso lhe cause transtornos “*Só houve uma vez em que doeu-me a barriga durante a noite. Nesse dia também comi demais! (...) Eu antes começava a comer e parecia que não estava a comer, então comia e não parava até sentir que estava cheia. Comia, comia, comia... Quando parei de comer é que percebi que afinal estava tão cheia que não sabia o que havia de fazer! A barriga até estava apertada! (...)*”. Nesta fase a relação com o bebê é realizada a pensar principalmente na satisfação das necessidades dele, assumindo Júlia o papel de continente, face aos conteúdos que lhe são apresentados. Júlia

parece no entanto revelar alguma dificuldade neste equilíbrio, onde os desejos do bebé parecem ter um resultado angustiante ao qual ela não consegue responder de forma adequada, acabando por não conseguir controlar e elaborar o que sente “(...) Comecei a chorar... Não consegui dormir até às duas e tal da madrugada e acabei por levantar-me, até ficar bem e normal e conseguir deitar-me novamente... (silêncio)”.

Do mesmo modo que Júlia tem esta função reguladora na relação com o seu bebé, é a sua mãe quem assume o papel de continente na relação com a grávida, existindo uma inversão dos papéis. A mãe de Júlia tem a função de transformar os elementos β , angústias e medos de Júlia, em elementos α , através da explicação, desmistificação, transformação e cuidado, como já foi referido no sub-capítulo da temática da identidade. A angústia face ao desconhecido e a angústia de morte surgem nesta fase relacionadas com o momento do parto e são contidas pela mãe da participante através dos cuidados e experiência que esta se disponibiliza a ter e partilhar com a gestante “*Eu quero ir com a minha mãe. Nem que ela vá de barco e eu de avião. Por causa do parto, ela sabe como é que é. Já teve filhos... Ela disse que quer ir comigo mais por causa dos pontos... Aquele sangue... Para ela poder tirar a minha cueca e lavar... Não quer que seja outra pessoa a fazer-me isso. Porque ela é que é minha mãe ela é que quer fazer-me tudo (...)* Ela quer ir cuidar de mim... (...)”, relembramos que uma das justificações para ausência de conhecimento ou tomada de consciência da gravidez, por parte da participante, foi o facto de nunca ter passado por esta experiência “(...) *Porque eu não sabia! Eu nunca estive grávida! (...)*”.

O medo de abandono também está muito presente em Júlia, encontrando-se inicialmente relacionado com a aceitação da gravidez “*E eu perguntei-lhe o quê que eu podia fazer, tendo em conta que eu tinha medo dos meus pais. Se me expulsassem onde é que eu iria ficar? Na rua? Ninguém ia aceitar acolher-me (...)*”, onde Luís assume o papel de elemento estabilizador apresentando o seu desejo, com a sugestão da possibilidade de uma decisão conjunta, apesar de não apresentar uma solução imediata “*Ele disse que tínhamos que procurar outra solução mas que eu não ia tirar.(...)*”. Numa fase posterior podemos identificar esta angústia na descrição da imagem da assistência médica de Bissau “(...) *É que aqui em Bissau se não tiveres condições, se estiver a doer-te a barriga, deixam-te e não cuidam de ti (...)* Isso é o que te dizem no hospital. Não têm paciência com as grávidas... Ficam só a dizer “*Faz força!*” e assim (...)”, que parece ser tranquilizada por dois factores, pela possibilidade de realizar o nascimento do bebé no Senegal e pelos cuidados fornecidos pela mãe.

Existe uma forte componente cultural e social que condiciona a forma como Júlia se sente em relação à gravidez, surgindo no entanto o grupo de pares em auxílio fornecendo o suporte, apoio e encorajamento que parece ausente por parte da família, que foca-se em resolver a questão “prática” e social, descuidando da parte psicológica “(...) *As minhas amigas encorajam-me para sairmos juntas. Elas dizem se isto fosse noutra parte do mundo seria uma alegria! Uma coisa inesperada... Mas aqui em Bissau é que ficam a falar nas costas, olhar de lado e comentar. Tens só que saber o que queres fazer, não liguês ao que as pessoas dizem. Tu já estás grávida. Deus quis assim, não há nada a fazer... Tens só que ser responsável porque aqui tens que ser responsável, para seres mãe!*”. Tanto o grupo de pares como a cultura assumem, de formas diferentes, o papel de continente para a gestante, tendo o grupo de amigas a função de suporte e conforto e o grupo social, uma função mais impositora, contribuindo para a definição de papéis, de modo a orientar e delimitar caminhos. Ao longo da entrevista Júlia parece também procurar esta função na entrevistadora, através de comentários, olhares ou mesmo perguntas directas.

Relativamente às tomadas de decisão, essas apresentam-se sempre como sendo externas à grávida. Apesar da experiência ter início no seu interior, há uma apropriação, do mundo exterior, de todo e qualquer tipo de decisão face a esta vivência, por vezes solicitada pela própria, face a incapacidade de resolução “(...) *Comecei a chorar, não sabia o que fazer e liguei ao Luís... (...)Ele disse para irmos outra vez juntos e fomos. (...)*”, por outras imposta por elementos que, mesmo sem ser solicitado, assumem a o controlo da situação “(...) *Ele disse que não, que ele ia assumir todas as responsabilidades... Mas a minha tia disse - Não! Tinha que tirar.*”. Esta decisão, como já foi várias vezes referido é decidida pelo grupo a que Júlia pertence e quando em entrevista partilha a decisão tomada, fá-lo transparecendo que foi-lhe simplesmente comunicado como proceder, não dando espaço para questões ou explicações “(...) *Acabaram por me deixar...(...)*”.

Ao longo do discurso está presente uma forte componente de invocação divina, onde Júlia vai buscar a força, coragem, paz ou mesmo a justificação para o que está a viver. Segundo as amigas de Júlia engravidou porque *foi Deus quem quis assim* e é ele quem Júlia invoca quando pensa e sente os seus medos “(...) *Se Deus vai-me ajudar... Com a ginástica toda que estou a fazer acho que Deus vai ajudar-me a ter um bom parto!(...)*”, existindo algum sentimento de ambivalência acerca das possibilidades, oscilando entre o auxílio que acredita ter e o receio de que ele não aconteça “(...) *Será que Deus vai dar-me força, para conseguir ter um bom parto? (...) Só Deus é que ajuda no parto em Bissau... Não há outra*

maneira... ”; “Preciso de força... Coragem... Quando me deito à noite fico a pensar... Como é que será? Vou ter que fazer um esforço... Ai... Será que vou conseguir? E digo Deus vai ter que me ajudar! Fico a pensar em muita coisa... (silêncio)”. Aceitando a experiência que Júlia acredita que Deus lhe destinou, quando questionada acerca da possibilidade de ter gémeos tem uma reacção expansiva, tanto pelo receio da reacção de Luís “(...)Se forem dois ele mata-me! Como é que iríamos fazer?”, como pela incompreensão do desejo de Deus caso isso acontecesse “(...) Aí não sei o quê que Deus quereria... (...)”

5. Discussão

Neste capítulo iremos articular a informação recolhida, através da análise narrativa dos dois métodos utilizados, a prova de Rorschach e a Entrevista Narrativa de Associação Livre, discutindo os principais temas identificados e conclusões resultantes, tendo como base alguns dos estudos de referência de que falámos ao longo do enquadramento teórico.

O tema da identidade é o que mais se destaca através da análise dos dois instrumentos, podendo ser considerado o tema central, e transversal, deste estudo estando, neste caso, a identidade da participante condicionada por pelo menos três aspectos: pela experiência transformadora que Júlia está a viver, o ser mãe pela primeira vez, pela cultura a que pertence, que define e estrutura o indivíduo através da atribuição de papéis, e pela forma como se relaciona com o outro, parecendo neste caso que Júlia assume uma posição de submissão face ao outro, procurando a aceitação ou mesmo a decisão do *outro* para que possa avançar e posicionar-se.

A identificação deste tema é comum aos estudos que serviram de base a esta investigação, como Hollway (2009) defende, a identidade do sujeito não é algo estanque, estando em constante (trans)formação. Podemos considerar natural que numa fase marcada por várias mudanças, aos mais diferentes níveis, exista uma reconstrução da identidade, solidificando a base que sustenta e identifica a gestante, readaptando e transformando os diferentes eixos que a compõem.

De acordo com os estudos realizados (Roberto,2012;Rosado,2016), o terceiro trimestre parece ser um período onde a ansiedade da grávida aumenta, face a proximidade do momento do parto e o estabelecer da relação com o bebé no mundo exterior. Nesta fase existe uma maior integração e aceitação da gravidez e da fase relacional que a sucede, marcada pelo sentimento de angústia e de ameaça à identidade, uma vez que o parto está muito próximo e a exposição a esta nova fase desconhecida é iminente. No terceiro trimestre de gestação, as participantes do estudo de Rosado (2016) experienciam as turbulências correspondentes ao seu percurso de história e de vida, parecendo no entanto, segundo a autora, estarem preparadas para a chegada do bebé, assim como para as mudanças que o seu nascimento proporciona. Já no caso da participante do estudo de Roberto (2012), esta parece sentir um aumento da angústia, falando-se mesmo numa “(...) *identidade ameaçada, ora por sentimentos de anulação, ora por receio da fusão com o bebé.*”, este sentimento parece

derivar da dificuldade na definição de limites entre o interno e o externo e da dificuldade do processo de individuação.

No nosso estudo Júlia, que se encontra na 35ª semana de gestação demonstra, através da análise do Rorschach, uma grande dificuldade na expressão da representação de *si*, oscilando entre a recusa da expressão da sua identidade, que parece fragmentada e confusa, e a associação posterior da mesma a elementos de conteúdo animal, que transmitem este processo de transformação aliado à dificuldade afirmação/aparecimento na relação.

O primeiro animal que enuncia é o peixe-areia e quando o faz identifica o movimento de ocultação e aparecimento “*Esconde-se na areia e depois abre assim (...)*”, esta caracterização para além de ter sido feita através de uma forma de pouca qualidade, surge depois de bastante resistência por parte da participante em aceitar a solicitação a que o cartão V convida. Logo de seguida, no cartão VI, tenta reparar esta imagem através do aparecimento da borboleta, que surge ligada à imagem da *pele de cabra*.

Como foi apontado durante a análise do protocolo, a cabra é um animal que aparece ligado a evocações divinas, ao sagrado e ao puro, o que ao olharmos em simultâneo para a entrevista, verificamos que *Deus* aparece sempre que Júlia precisa de reafirmar-se ou acalmar as suas angústias. Neste caso a *borboleta*, Júlia, surge suportada por esta *pele de cabra* que a sustém e contém, permitindo a sua existência, sem necessitar de se esconder como acontecia anteriormente com o peixe-areia. É de referir também que a borboleta é símbolo de transformação e fragilidade, transparecendo assim alguns dos sentimentos invocados pela experiência pela qual a gestante está a passar.

O terceiro animal que surge no protocolo e que identificamos como uma representação da nossa gestante é o caracol. Este animal é caracterizado por *carregar a casa* para todo o lado, podendo recolher-se ou esconder-se sempre que necessário. Existem duas particularidades que deverão ser realçadas: primeiro apesar da concha do caracol ser vista e reconhecida como casa, essa, tal como a borboleta, é um elemento frágil e que facilmente pode quebrar, o que pensando acerca da nossa participante mais uma vez reforça a fragilidade da sua identidade. Outro ponto a considerar é que os caracóis, descritos no cartão IX, surgem *encostados* a algo, parecendo portanto que necessitam de suporte mas contêm também um peso superior “*Este é um caracol em baixo e montaram umas coisas em cima...(...) Isto parece uma coisa pousada em cima dos caracóis (...)*”, que poderíamos relacionar com o peso que as pessoas significativas, a cultura e o grupo social exerce sobre Júlia.

Esta fragilidade, peso e dependência estão também presentes na análise da entrevista, onde identificamos a dificuldade de Júlia em conseguir expressar uma identidade única, parecendo possuir várias partes de identidades diferentes que não consegue integrar, uma vez que não as reconhece totalmente como suas, oscilando num movimento de ambivalência entre a aceitação e a negação das partes que a compõem (criança, mulher, grávida). O construir e afirmar da sua individualidade é condicionado não só pela forma como se vê como também pela forma como é vista pelos outros. Os estudos de Hollway (2006; 2007; 2009; 2010; 2015) já indicavam a importância que os tipos de comunicação e relação estabelecidos ao longo do desenvolvimento do indivíduo têm nesta fase da maternidade, contribuindo para criação e consolidação da nossa realidade interna.

A experiência transformadora que está a viver, ser mãe pela primeira vez, é repleta de desejos e vontades que são silenciados, sem que seja criado um espaço de acolhimento para as suas reservas, não lhe sendo permitida a expressão dos medos e ansiedades. Esta experiência e adaptação aos novos tipos de relacionamento é considerada uma *mudança catastrófica*, que implica a capacidade de *tolerar, conter, integrar e transformar* os sentimentos, emoções e afectos que derivam da relação com o novo ser (Rosado, 2016). A ausência de um lugar onde possa pronunciar-se, reflectir e elaborar faz com que Júlia se mantenha presa, divagando entre as várias identidades, sem conseguir compreender o que realmente lhe pertence dentro desta transformação. Por um lado é criança e não pode tomar decisões, por outro é mulher e tem responsabilidades que deverá assumir, assim como comportamentos que deverá adoptar, e ainda, por fim, como grávida passa a ter um ser dependente de si, ser esse que também lhe impõe vontades sem que ela, inicialmente, consiga (cor)responder correctamente.

O problema da identificação pessoal promove uma dificuldade relacional que é retratada no protocolo em diferentes momentos, no cartão III e no cartão VIII, estando marcada pela necessidade de separação e corte com o outro, de modo a que haja espaço para a sua existência. A individualidade e afirmação do *eu* parecem ser suprimidas, sem um espaço aberto onde se possa formar, reformular e afirmar. O medo de uma absorção da identidade e de um sufoco que não lhe permita *ser* parece estar presente na participante, reflectindo-se também na forma como vê e lida com as figuras de autoridade. Na relação com o poder e autoridade, por um lado existe a recusa, rejeição, mas por outro há a aceitação com a consciência de que existe um peso inerente, que funciona num só sentido, sobre Júlia.

Se olharmos com atenção para as respostas dos cartões III, IV e, novamente para a do cartão, V, parece existir a expressão do sentimento de aprisionamento e pressão vivido na

relação com o outro. No cartão III, após a identificação da relação que posteriormente leva-a para o início do expressar dos sentimentos de divisão que a mesma contém, Júlia, como defesa, recorre a um deslocamento, fazendo um isolamento perceptivo da mancha, de modo a evitar as emoções, os afectos e fantasmas que surgiram. Identifica assim através de uma forma de pouca qualidade um *morcego* procurando ancorar-se novamente ao real. No entanto, no inquérito de limites a relação conflituosa inicialmente descrita é completada “(...) *Cada um quer ficar com... cada um quer cortar para poder ficar com um bocadinho, um bocadinho...*”, partilhando o modo como é vivida e reforçando a ideia da necessidade de separação/corte na relação a dois.

De seguida, rejeita os dois cartões, e só durante o inquérito de limites, ao ser novamente confrontada com estes estímulos, consegue elaborar respostas atribuindo formas. No cartão IV o comentário parece ser um desabafo face ao sentimento despoletado pela relação com as figuras, onnipotentes, de autoridade e poder “(...) *Isto cansa (...)*”, seguido de “(...) *Um pilar com alguma coisa pousada em cima(...)*”, aliado novamente à sensação de *peso* que parece surgir nas entrevistas através dos silêncios que acompanham alguns relatos. Após a identificação do tipo de relação estabelecida com o outro e a forma como encara as figuras de poder e autoridade, Júlia mantém a dificuldade em conseguir elaborar uma representação sua, culminando numa forma de má qualidade *Peixe-areia*, aparecendo mas com alguma cautela “(...) *Esconde-se na areia e depois abre assim.*”.

Continuando a observar a formação da identidade da nossa participante, e direccionando-nos agora um pouco mais para a identidade materna, Hollway (2015) afirma que a subjectividade materna deve ser vista como uma construção resultante da relação entre as particularidades do sujeito e as limitações e definições impostas pela cultura e pelo meio. No caso de Júlia as condicionantes são tantas e o conflito entre a individualidade e intersubjectividade está tão presente, que o espaço reservado para a expressão do *eu* é muito pequeno, tornando por isso mais difícil a formação de uma identidade coesa. Mesmo a angústia de morte e o medo do desconhecido, que são características desta fase de gestação, parecem não ter grande espaço para elaboração, o que contribui para a desorganização interna.

Durante a entrevista, a mãe da participante surge como uma possibilidade apaziguadora dos sentimentos emergentes, disponibilizando-se para *cuidar* de Júlia, mas através da sua experiência e não do encorajamento e promoção à individualidade. Na realidade a mãe transmite a ideia de que será a única pessoa indicada para poder acompanhar e tratar da filha no período pós parto, deixando a sensação de que mais ninguém conseguirá

fazê-lo de forma adequada. Se por um lado esta postura pode ter o resultado securizante e de continente contendor, por outro poderá criar novas angústias já que o acompanhamento e a presença da mãe na altura do parto não são garantidos. A promoção da relação de dependência é causadora de maior instabilidade, fazendo a gestante sentir de modo mais intenso a presença dos fantasmas que surgem face ao momento do parto e ao nascimento do bebé. Naturalmente, Júlia mostra-se angustiada acreditando que a ajuda da mãe nesta nova fase é essencial, no entanto invoca também *Deus* acreditando que por vezes será a única solução “*Só Deus é que ajuda no parto em Bissau... Não há outra maneira...*”.

O reviver da relação primária e das representações retidas no inconsciente é inerente à fase transformativa vivida pela nossa participante, recorrendo muitas vezes à relação continente/conteúdo de Bion. Esta procura da transformação dos elementos β , em elementos α , possibilitando a organização do pensamento assim como do caos interior é visível em várias passagens ao longo da entrevista, quer em situações de tomada de decisão, quando recorre a Luís, quer em situações de expressão das angústias, em que invoca *Deus*, ou mesmo no decorrer do discurso procurando conforto e segurança na relação com a entrevistadora.

Júlia necessita que o mundo externo lhe conceda alguma estrutura e segurança, de modo a conseguir reorganizar-se internamente, o que na maior parte das vezes não se verifica pois apesar da cultura e das pessoas significativas concederem uma estrutura e atribuírem funções e obrigações à gestante, não transmitem segurança, nem incentivo para a existência e afirmação como ser individual e único, procurando que o papel de submissão e aceitação prevaleça.

A dificuldade na representação materna e na identificação como grávida está presente não só na entrevista como também no protocolo, onde no cartão VII, que remete para o feminino e materno, a imagem percepcionada parece ser uma tentativa de construção de várias partes que não consegue encaixar “*Este é tipo uma coisa que montaram... Uma coisa que juntaram com a outra*”, como se tentasse integrar as várias identidades que a compõem mas isso não lhe fosse possível. No inquérito de limites tenta recorrer a referências animais que fazem parte da sua cultura e que estão associados ao divino, sacrifício ou procura de purificação, mas ao não conseguir, formar a imagem, recorre novamente à identificação de um *morcego*, sendo descrito como *pequenino*. Esta é a primeira e única referência que Júlia faz a dimensões, o que é curioso uma vez que neste caso o morcego é representativo da própria identidade materna de Júlia, que no meio da confusão e caos internos, referências culturais e pressões externas, é visto como algo diminuto e ainda em construção. É de referir

também que esta é a única imagem onde há a integração do branco, podendo remeter para sensação de vazio interna vivida pela gestante. Ainda no protocolo de Rorschach, no cartão IX, que também se encontra ligado ao materno, Júlia elabora, na tentativa de resguardo do mundo exterior, uma representação do *eu* através da imagem de um *caracol*, conseguida a partir de uma forma de pouca qualidade. Mais uma vez a sua imagem vem associada a um peso exterior representativo das imposições externas, como já foi anteriormente debatido.

Todo este processo de (re)construção de identidade condiciona inevitavelmente a criação de um espaço para pensar, integrar e amar o bebé, pois a própria gestante não tem o seu *eu* uno, coeso e interiorizado. A dificuldade de unificação está presente, tanto em termos de identidade própria, como em termos da capacidade relacional harmoniosa. O grupo social e a cultura que, segundo Deveraux (1956), deveriam proporcionar e potenciar este espaço relacional, promovendo a formação do psiquismo individual, parecem interditar a existência ou expressão do *eu* como ser individual, encontrando-se sempre condicionado pela vontade e imposição do outro.

Todo este condicionamento, efectuado essencialmente por figuras de autoridade, ou figuras significativas reflecte-se não só na abordagem ao cartão IV, que foi acima descrita, como ao longo da entrevista em que verificamos que Júlia costuma ser espectadora, intervindo somente quando é solicitada a sua presença e por norma sem que exista a intenção de os intervenientes conhecerem os seus desejos ou vontades, não só por ser um elemento mais novo, vista como criança, mas também por ser mulher.

A questão etária é muito valorizada na etnia papel, sendo uma cultura que recorre a *gintis garandis* para a tomada de decisões, assumir de responsabilidades ou mesmo para receber conselhos. Júlia, que é vista ainda como uma criança, não tem um papel activo e relevante, devendo assumir a posição de escuta, correspondendo as suas acções ao que lhe for imposto ou sugerido. Para além de ser jovem, é mulher e a questão do feminino e masculino tem grande relevância existindo uma atribuição de papéis claramente definida onde o homem tem o papel dominante e a mulher o submisso.

Esta ideia é transmitida através dos relatos de Júlia, tanto pelo que partilha por palavras como pelo que podemos depreender, e mesmo através de algumas das informações recolhidas acerca da etnia. O homem tem tanto poder que em caso de falecimento a esposa deverá ser entregue ao irmão do marido, como se de um bem se trata-se. Como já foi apresentado, mesmo em termos de cerimónias, apesar de Luís apresentar-se, representado por familiares para poder assumir as responsabilidades, quem é questionada durante o ritual é

Júlia, de modo a ser instruída acerca do comportamento a adoptar nesta nova fase, face ao marido e à família.

Na prova de Rorschach até ao último momento não surge nenhuma diferenciação de género, mantendo-se sempre no abstrato e não fazendo nenhuma identificação sexual. Somente no cartão X, na última apreensão, é que Júlia descreve um objecto feminino *boneca de pau*, que surge da transformação dos *ratos*, que simbolizam os *outros*, em objecto. Esta identificação, juntamente com o relato de Júlia acerca da cerimónia realizada, faz-nos lembrar a tia “(...) *Se não estivermos na posição certa dão-nos com a matampa (pau, chicote) (...) Esta é a minha tia tem a matampa*”, que é uma pessoa mais velha *mindjer garandi* o que naturalmente atribui a posição de poder e domínio sobre a participante. Júlia parece assim ser oprimida pelo meio por dois motivos, primeiro por ser mulher e segundo por ser jovem/criança.

Podemos então concluir que a identidade grávida de Júlia encontra-se em (trans)formação, estando ela à procura de compreender o seu lugar, as suas funções, o que fazer com os seus desejos e como controlar as suas angústias.

6. Conclusão

O presente trabalho de investigação surgiu da vontade de descobrir qual o lugar do bebé, no mundo interno de uma grávida guineense mãe pela primeira vez, pertencente à etnia *Papel*, durante o terceiro trimestre de gravidez. Interessados nas transformações identitárias experienciadas e no impacto que a cultura tem na atribuição deste lugar, realizámos um estudo de caso, recorrendo a dois instrumentos metodológicos, prova de Rorschach e Entrevista Narrativa de Associação Livre, acreditando serem os métodos mais indicados para podermos aceder ao modo de funcionamento psíquico, permitindo a identificação do espaço atribuído pela gestante ao bebé.

A nossa participante revela ao longo da investigação alguma dificuldade na unificação da identidade, não reconhecendo como seu alguns dos papéis e funções que lhe vão sendo atribuídos. Existe também a dificuldade de reconhecimento e consciência da nova experiência, marcada pela angústia do desconhecido e pela dificuldade de elaboração dos sentimentos.

A cultura assume aqui também um papel determinante, definindo e delimitando espaços onde Júlia pode existir. Ao contrário do que é defendido por Arias (2002) em que a cultura deveria contribuir para a identificação do indivíduo como ser individual, no caso de Júlia ela condiciona, sendo sentida como um *peso* que não promove nem permite o desenvolvimento da sua individualidade. A relação com os outros contribui para o retraimento do *eu*, muitas vezes associadas ao medo de confronto e de abandono.

Iniciámos o estudo com a curiosidade de descobrir o lugar do bebé nesta grávida e conhecer melhor a relação que liga ambos, concluímos no entanto que os conflitos intra e intersubjectivos presentes na gestante não permitem ainda a criação de um espaço relacional para o bebé, estando Júlia muito envolvida na resolução das várias relações que a rodeiam e a compõem.

O mundo interno confuso, frágil e em construção que a possui, não consegue ainda integrar novos elementos e novas relações. A existência de conflitos externos e modos relacionais que retiram-lhe a liberdade e autonomia contribuem também para a criação de uma identidade frágil e confusa, onde acaba por assumir um papel de aceitação e submissão às normas e regras que lhe são apresentadas.

É ainda de referenciar que na prova de Rorschach existiu uma tentativa de ancoragem ao mundo real, procurando evitar as várias solicitações que o conteúdo manifesto da prova

desperta, recorrendo sempre a elementos familiares e do mundo real, preferencialmente relacionados com conteúdo animal, mesmo que resultante de formas de pouca qualidade. Durante a entrevista houve uma maior entrega que por vezes quando sentida pela participante era interrompida por silêncios, fugas ou por tentativas de aprovação por parte da entrevistadora.

Acreditamos ainda que a relação com o bebé e o espaço interno do mesmo, na futura mãe, poderá ser criado nos primeiros tempos após o nascimento, onde será mais fácil para Júlia reconhecer quais as necessidades, angústias e desejos do bebé podendo assim satisfazer sem que isso lhe gere conflitos internos.

Em termos futuros seria interessante a realização de novos estudos com esta e outras etnias, continuando assim a ajudar na compreensão da importância e impacto da cultura e do meio na criação da identidade de grávida.

7. Referências Bibliográficas

- Arias, P.G. (2002). *La cultura: Estrategias conceptuales para entender la identidad, la diversidad, la alteridade y la diferencia*. Quito: Abya-Yala.
- Bion, W. (1961). *Uma Teoria do pensar*. In E.B.Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje (Vol.1,* pp. 185-193). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Chevalier, J. (1994). *Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números*. Lisboa: Teorema.
- Elliott,H, Gunaratnam, Y, Hollway, W and Phoenix, A. (2009) *Practices, identification and identity change in the transition to motherhood*, In M. Wetherell(ed.) *Theorizing Identities ans Social Action* (pp.19-37). London: Palgrave.
- Grinberg, L., & Grinberg, R. (1999). *Identidade e mudança*. Lisboa: Climepsi.
- Hall, S. (2004) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Hollway, H. (2006) *The capacity to Care: Gender and Ethical Subjectivity*. London: Routledge.
- Hollway, Wendy (2007). *Afterword. Infant Observation*. 10(3), (pp. 231–236).

- Hollway, W. (2008). The importance of relational thinking in the practice of psycho-social research: ontology, epistemology, methodology and ethics. In: Clarke, Simon, Hahn, & Hoggett (Eds.), *Object relations and social relations: The implications of the relational turn in psychoanalysis* (pp. 137-162). London, New York: Karnac.
- Hollway, W. (2009). *Relationality: The Intersubjective foundations of Identity*. In The Sage Handbook Of Identities (Chap. 11, pp. 216-232).
- Hollway, Wendy (2010). *Conflict in the transitions to becoming a mother: a psycho-social approach*. *Psychoanalysis, Culture and Society*, 15(2) (pp. 136–155).
- Hollway, W. (2012). Rereading Winnicott's "primary maternal preoccupation". *Feminism and Psychology*, 22(1), (pp.20-40).
- Hollway, W. (2015). *Knowing mothers: Researching maternal identity change*. Palgrave Macmillan.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method*. London: Sage.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In: L. Given (Ed.), *The SAGE encyclopedia of qualitative research methods* (pp. 296-315). Sevenoaks, California: Sage.
- Martins, H. (2014). *Tornar-se mãe, tornar-se pai e tornar-se bebé numa gravidez de risco*. Tese de Doutoramento. ISPA- Instituto Universitário, Lisboa.
- Nascimento, M. J. (2003). Preparar o nascimento. *Análise Psicológica* 21(1) (pp.47-51)
- Paduart, P. (2004). *L'irruption du paramètre culturel*. *Revue Belge de Psychanalyse*, (v. 45, pp. 5- 22)

- Ribeiro, J. L. P. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis Editora.
- Roberto, S. (2012). *Entre fronteiras: a inscrição da cultura no processo de tornar-se mãe*. Tese de Mestrado. ISPA- Instituto Universitário, Lisboa.
- Rosado, F. (2016). *Gravidez e Mudança Catastrófica: Três estudos de caso*. Tese de Doutoramento. ISPA- Instituto Universitário, Lisboa.
- Urwin, C., Hauge, M.I., Hollway, W. & Haavind, H. (2012). *Becoming a mother through culture*. *Qualitative Inquiry*, 19(6) (pp. 470–479).
- Winnicott, D. W. (1956). *Primary maternal preoccupation*. In D. W. Winnicott (Ed.), *Through pediatrics to psychoanalysis* (pp.300-305). Nova Iorque: Basic Books.
- Yin, R. K. (2001b). *Estudo de Caso. Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zurara, G.E. (1949). *Crónica dos Feitos da Guiné*, v. 2 (pp.42-46), Agência Geral do Ultramar, Lisboa.

ANEXOS

Anexo A – Protocolo de Rorschach, Júlia 20 anos

<p>I 6'' 1 - Imagem de... morcego. Ou não é?</p>	<p>Este é tipo morcego (G)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 8'' 2 - Este é tipo a máscara de uma pessoa ou quê...</p>	<p>Este tem a estrutura... Tipo o rosto de uma pessoa (D sup.vermelho e branco), mas aqui tem umas pestanas assim (pontas vermelhas). Este lado tem ares de uma pessoa que pôs uma máscara assim...</p>	<p>G F- Obj</p>
<p>III 8'' 3 - Este são... Duas pessoas... Duas pessoas que pegaram uma coisa tipo... 4 – Um morcego ou quê e estão a puxar... Cada um pegou um lado.</p>	<p>Este é aquele das pessoas que pegaram numa coisa assim e que estão a dividir ao meio (D). Cada um quer ficar com... cada um quer cortar para poder ficar com um bocadinho, um bocadinho... (D inf)</p>	<p>G K H Ban D F- A</p>
<p>IV Aiii... Sei lá...</p>	<p>Parece uma coisa sentada... Como se estivesse de pernas abertas... Tem a cabeça parecida com um abutre (G) Mas as características é tipo uma pessoa que está sentada de pernas abertas (G) R.A.: G F+ H Isto cansa... (Comentário) Um pilar com alguma coisa pousada em cima (D) R.A.: D F+ Obj</p>	<p>Recusa</p>
<p>V Ai!.... Não sei... É muito difícil!</p>	<p>Este tem a cabeça aqui (D inf) tipo as antenas do caracol quando saem. Mas aqui (D lat. Esq.) parece um peixe que está no mar... Esqueci-me... Tem um nome assim...</p>	<p>Recusa Comentário</p>

	<p>Esqueci-me... Peixe...</p> <p>Peixe-areia! Peixe-areia! Esconde-se na areia e depois abre assim.</p> <p>R.A.: D F- A</p>	
<p>VI 2''</p> <p>5 - Este é tipo uma coisa assim... Tipo cabra, a pele de cabra estendida...</p>	<p>Este é a pele da cabra aqui (G) Esta parte aberta assim. Quando matas e esfolas a cabra e deitas a pele para secar.</p> <p>Aqui parece uma borboleta (D sup.)</p> <p>R.A.: D F+ A</p>	G F+ A Ban
<p>VII 6''</p> <p>6 - Este é tipo uma coisa que montaram... Uma coisa que juntaram com a outra.</p>	<p>Este é tipo... É uma perna. Uma perna montada em cima da outra (D lat.).</p> <p>Mas não...</p> <p>Tipo uma perna de um porco ou de uma cabra, montadas uma na outra.</p> <p>Parece-me um morcego pequenino aqui (Ddbl) R.A.: Ddbl F- A</p>	D F- A
<p>VIII 2''</p> <p>7 - Este é tipo desenho de rato.</p>	<p>Este é... É tipo rato a querer pegar... (D lat.) Quer pegar... Não sei se um...</p> <p>Isto parece a pele de uma cabra (D inf., laranja e rosa). R.A.: D F- A</p> <p>Parece que estão em cima da pele da cabra e estão a subir para apanhar uma borboleta assim...(D) Eles encontram-se.</p> <p>É como se quisessem comer...</p> <p>É como se fosse a costela de um animal. É como se tivessem rachado ao meio... pode ser de um pato ou de uma galinha.</p>	D kan A Ban

<p>IX 5''</p> <p>8 - Este é um caracol em baixo e montaram umas coisas em cima...</p>	<p>Estes dois são caracóis (D inf. Lat.). Parece que tem um pote virado ao contrário (D inf. Central) e os caracóis estão encostados. R.A.: D F+ Obj Isto parece uma coisa pousada em cima dos caracóis e do pote (D central)... Parece um gato ou o quê em cima deles (verdes) R.A.: D F- A Este não consigo imaginar (laranjas)</p>	<p>D F- A</p>
<p>X 4''</p> <p>9 - Tipo aranha... 10 - Uma formiga assim... 11 - Caranguejo. Esta coisa é estilo lula, mas não... 12 - Este está tipo... uns dois ratos sentados em cima de uma coisa</p>	<p>Este está tipo o olho de um elefante assim (D inf. amarelo). Aqui estão as formigas (D lat. direito, preto). Aqui está um rato, dois ratos que estão a subir para apanhar um pau (D sup. preto). Ao mesmo tempo parece uma boneca que fazem assim, tem dois olhos. Esta é a cabeça (apontou para a parte de cima) e este o corpo (parte de baixo) É uma boneca de pau. (D sup.) Preto) R.A.: D F- Obj Caranguejo está aqui (D lat. Azul) A aranha aqui (D lat. Amarelo)</p>	<p>D F- A D F+ A D F+ A Ban D F+ A Ban</p>

Prova das escolhas:

+ VIII e X Eu gosto mais destas porque são coloridas. São mais... como é que se diz... são mais alegres. Esta é a minha opinião.

- III e IV São escuras. Esta (IV) parece um abutre. E esta (III) mesmo tendo cores... Parece que estão a cortar...

Anexo B – Psicograma Júlia

R – 12	G – 4	F+ 5	A – 10	F% – 83,3%	
Recusas – 2 (IV e V)	G% - 33%	$\Sigma F = 10$	F- 5	H-1	F+% – 50%
Temp. Tot. – 22’21’’					
Temp. /Res.– 1’85’’	D – 8		Obj – 1	A% – 83,3%	
Temp.lat.Med- 5’’	D% - 67%	K-1		H% – 8,3%	
		kan –1			
					Ban – 6

T. Apreensão – \bar{D}

TRI – $1K > 0 \Sigma C$

F. Comp. – $1k > 0 \Sigma E$

RC% - 50%

Elementos Qualitativos:

Comentários – 1

Prova de Escolhas

+ VIII e X

- III e IV

Anexo C – Transcrição da Primeira Entrevista

18 de Março

Ao chegar a Bissau fui posta em contacto com o companheiro da grávida, Luís, que iria entrevistar. Coloquei algumas questões acerca da jovem, porém foi-me facultada pouca informação, apenas que já tinha sido avisada acerca da minha intenção de a entrevistar e que ela estaria no oitavo mês de gestação, estando de viagem marcada para o Senegal na semana seguinte, onde iria ter a criança, logo as entrevistas deveriam ser feitas o mais rapidamente possível. Foi-me também fornecido o número de contacto directo para poder combinar o dia do encontro.

20 de Março

Ao telefone encontrei algumas dificuldades de comunicação, uma vez que falei em português e não estava a conseguir fazer-me entender, optei então por falar crioulo na maior parte do tempo. A entrevista ficou marcada para as 10 da manhã do dia seguinte.

Ao chegar ao ponto de encontro, em frente ao endereço que me foi dado, telefonei para poder confirmar qual a casa onde se encontrava. Saíram então uma rapariga jovem, com um ar simpático e um pouco tímido, acompanhada por uma senhora mais velha, com os seus 50 anos, com um ar mais sério e desconfiado. “Júlia?” Acenaram com a cabeça, atravessei a rua e apresentei-me. Quem falou mais foi a tia, questionando-me sobre a finalidade do meu trabalho e perguntando também onde é que pensava realizar a entrevista. Expliquei quem era e que o que queria fazer inicialmente era falar um pouco com Júlia e conhecê-la melhor, para depois, numa outra oportunidade poder aplicar uma prova. A tia, mantendo o ar desconfiado disse que, sendo assim, poderíamos conversar na sua casa. Convidaram-me a entrar e ficámos numa sala logo à entrada. Esta sala era um local de passagem e dava acesso directo à cozinha, através de um balcão que estava por trás do sofá onde me sentei. Reparei que a tia e mais duas jovens ficaram na cozinha a prepararem, possivelmente, o almoço. Por trás do sofá de Júlia ficava uma porta que dava acesso a outras áreas da casa, de onde surgiam por vezes algumas pessoas.

Já instaladas expliquei mais calmamente quem era e o que fazia, pedi também permissão para gravar as nossas entrevistas e avisei que o meu crioulo não era muito bom como ela já deveria ter reparado, mas prometi que daria o meu melhor para me fazer entender e que iria alternando entre o crioulo e o português para poder explicar-me melhor. Deixei-a à

vontade para falar em crioulo, até porque a minha grande dificuldade é em falar, mas consigo compreender facilmente a maior parte do que é dito.

Sarha (S): Como é que tem sido a tua gravidez?

Júlia (J): A minha gravidez eu não a sinto... Não sinto nenhuma dificuldade, porque desde que estou grávida que não tenho nenhuma queixa, problemas ou coisas desse género... Estou normal...

S: Nem enjoo...

J: Nem nada, nem nada disso. Eu não costumo ter, costumo estar tranquila! Onde quer que queira ir posso ir e voltar normalmente. Faço ginástica. Faço ginástica com a minha barriga (passava as mãos na parte de cima da barriga, para poder mostrar). Danço. Estou normal...

S: Ok... E, como é que tu imaginas ser mãe?

J: Eu sinto orgulho em ser mãe, sinto-me muito contente de poder ter um bebé um dia, de estar com ele. Eu sinto-me bem...

S: Ele mexe-se? Ele ou ela, sabes o sexo?

J: Não, não mostrou o sexo.

S: Mas mexe-se muito? É parado? Dentro da barriga...

J: Mexe-se muito! (ri-se) Fica a empurrar-me para um lado. Empurra-me, empurra-me! Mexe-se, mexe-se! Vira, Vira. Então se eu não tomar o pequeno-almoço ou não almoçar ehh... aí é que dá-me mais trabalho! Não consigo dormir, não consigo fazer nada enquanto não comer...

S: Isso é bom (ambas rimos) Tu estás de quantos meses?

J: Oito.

S: Oito? É já no próximo mês, ok. Ia perguntar... Quantos anos é que tens?

J: Vinte.

S: Hmm.. E pai e mãe *papel*?

J: O meu pai é *papel*, a minha mãe é cabo-verdiana e *papel*.

S: Tiveste que fazer alguma cerimónia? A outra grávida que eu entrevistei ela fez o *rianta*. Uma cerimónia que ela fez antes de ter o bebé... Que... que é aquela em que lhe cobriram a cabeça...

J: Ahhh... Isso é *Leba cabaz*! Ou não?

S: Não...

J: Não é como o que o Luís fez?

S: Não, o Luís trouxe o... Ou a família trouxe o *cabaz*, mas não... Porque o que ela fez... Ou será que é esse o nome? (ambas rimos)

J: *Leba cabaz*, aí também se cobre a cabeça.

S: Explica-me o que é o *leba cabaz* e para quê que serve, porque eu não conheço...

J: *Leba cabaz* é da etnia... Como é que é mesmo... da etnia *papel* mas é mais profundo. O que os *papéis* fazem chama-se *mari*, isso é lá em Biombo. Mas esse ainda não fiz, só este outro.

S: Mas o quê que é *mari*?

J: *Mari* é tipo casamento de *papel*. Aí rapam-te a cabeça, besuntam-te com citi (óleo de palma), fazem isso tudo... Cortam-te o cabelo todo! Se o teu homem não quiser que te cortem o cabelo todo tem que pagar na *baloba* (cabana/templo), logo cortam-te só um bocadinho. Isso é que na etnia *papel* chama-se *mari*. Mas aqui na praça, e assim, é *leba cabaz*. Isso é o que se faz cá. Foi o que me fizeram *leba cabaz*.

S: E como é que é?

J: *Leba cabaz*, *gintis garandis* (anciãos), levam o cabaz. Põem lá dentro todo o tipo de bebidas. Duas a duas, whisky duas, essas coisas assim, cerveja duas, tudo dois, dois. A tia do Luís chegou e entregou-me nas mãos e vai perguntando - “O quê que isto significa? Para quê que achas que trouxemos isto?” – a vela? Eu respondi que significava para que quando não houvesse luz na minha casa e do meu homem. Mostrou-me os fósforos, perguntou-me para quê que significava e eu respondi que quando não houvesse luz tinha que raspar o fósforo e acender a vela. Perguntou-me do tabaco, perguntou-me também de... Como é que se chama mesmo... *cola*. Perguntou-me para quê que servia e eu disse que isso não sabia, e ela explicou-me que quando os anciãos fossem lá a casa, família do meu homem ou a minha família, tenho que dar aquela *cola* e tabaco, que tenho que lhes entregar aquilo. Eu disse tudo bem. Mostrou-me a agulha e perguntou o que significava, e eu disse-lhe quando a camisa do meu homem estivesse rasgada eu tinha que cozer. Foram perguntando de tudo, fizeram uma entrevista assim. Aquilo que eu não sabia, eu dizia que não sabia e eles explicavam. Depois disto no dia seguinte lavaram-me, vestiram-me roupa branca, amarraram-me um pano branco. Amarram-me *sindjadura* comprida(pano típico).

S: Hum?

J: Ai, *sindjadura*. Está na máquina digital (chamou a irmã e pediu a máquina para poder mostrar as imagens). Amarram-me a *sindjadura*, cobriram-me com um pano e fiquei

fechada 24 horas. Tipo a hora a que levaram o *cabaz* eram seis, sete horas. Quando trouxeram o *cabaz* tiraram-me do quarto, fui receber o *cabaz* e depois voltei para o quarto quando os mais velhos foram-se embora. Fiquei no quarto até ao dia seguinte às seis horas da tarde, foi aí que o Luís veio, entrou no quarto, falou comigo e só depois é que pude sair. Fui-me sentar na rua, quando saí é que estenderam a *esteira* para eu me sentar. Foi aí que trouxeram a comida. Porque no dia anterior quando levaram o *cabaz* foi o meu cunhado quem teve que comer comigo. “*Qui rabata, rabata*”, (é uma espécie de competição) quem comer primeiro, quem puser a comida na boca primeiro é que vai mandar no outro. Se eu puser a comida primeiro na boca vou mandar em ti, agora se “*djumenam*” (se ele comer primeiro) então é ele quem vai mandar em mim. O irmão do Luís fez isso, de noite e no dia seguinte o Luís é que fez comigo. No arroz ele foi primeiro. Existe uma comida que chamam de *cubamba*. É uma comida que fazem com farinha de milho preto, põem cabaceira, leite de vaca, açúcar.

S: Ah, é como aquela papa de farinha milho preto.

J: Sim como a essa papa.

S: *Muni*?

J: Não, não é *muni*, esta fazem com que engrosse. Põem no *cabaz*, põem leite, *citi* e depois põe um pau, uma cruz e pousam assim (mostrou como é que pousavam).

S: Dentro do *cabaz*?

J: Sim, dentro do *cabaz*. Assim, quem apanhar primeiro significa que terá mais voz no casamento, mais poder. O Luís ganhou-me na comida, no arroz e no frango e eu ganhei neste.

S: Ahh, e então como é que fica?

J: Assim nós os dois temos poder, todos nós temos voz a mandar. Depois chamaram-nos para lavar as mãos, por causa do que estivemos a comer. Trouxeram-nos champanhe para lavarmos as mãos. O Luís lavou as mãos primeiro, como ele é que é o homem e depois eu também lavei. Disseram que aquela água é para quem nunca teve um filho e quer ter, então deve bebê-la. Se a beber vai ter um filho. Assim é que é. Depois, quando acabei as cerimónias, deixaram-me entrar novamente e pude ir tomar banho. Porque aquela roupa que eu vesti tinha que ser toda nova, até o chinelo, cueca, soutien... Tudo tinha que ser novo! Quando acabou a cerimónia deixaram-me ir mudar e aí já podia vestir uma roupa qualquer. Acabei então, fui-me vestir e relaxei.

(silêncio)

S: Tenho pena de não ter assistido!

J: É verdade, devias ter assistido é uma cerimónia muito bonita, olha aqui (esteve a mostrar-me as fotografias na máquina).

Entrou a tia e perguntou se também iam levar-me um cabaz e se por isso é que estava a perguntar. Explicámos que não e que simplesmente queria saber um pouco o que se tinha passado.

S: (fotografia da Júlia com as amigas à volta do cabaz) Ah... Então aqui comem todas juntas?

J: Sim, com as minhas amigas. Temos que estar de cócoras e inclinadas, se não estivermos na posição certa dão-nos com a *matampa* (pau, chicote). Se não souberes pôr-te bem, dão-te com a *matampa*.

S: Hmmm... E porquê que têm que estar de joelhos?

J: Não podemos comer sentadas... Esta é a minha tia tem a *matampa*. Este é o que tem o arroz e galinha, depois de comer com o Luís ele tem que se levantar e deixar-me comer com as minhas amigas.

S: Hmmm... E qual é o significado deste do arroz com a galinha e do outro, do...

J: Do *cubamba*?

S: Sim.

J: Esses eu tenho que fazer. Eles é que representam a cerimónia. Põe-se duas galinhas, *galinha de terra*. Pegam nos pés da galinha e põem para dentro. As duas galinhas são a minha e a do Luís. Esse é que é o significado! (continuou a mostrar as fotografias) Vou mostrar-te as fotografias do *cabaz* que trouxeram (...) Aqui estão as bebidas que vieram. Tive que ajoelhar-me e ir tirando as bebidas duas a duas e pousar. Logo perguntaram-me -“Sabes porquê que este *cabaz* veio?”- eu disse-lhes que não sabia e eles disseram que foram eles quem mandaram o Luís levar o *cabaz*. Foi por minha causa que ele teve que o trazer. Disseram que eu podia abrir, eu abri e olhei. É uma cerimónia e os mais velhos têm que ir fazendo uma entrevista. Eu tenho que ir respondendo ao que eles perguntarem, os da família do Luís. A tia dele é que ia fazendo as perguntas, o que eu não sabia ela explicava-me e depois eu tinha que repetir em voz alta para os mais velhos, que estavam sentados, poderem ouvir... O *panu di pinti*, perguntaram se eu sabia o que significava, eu disse que não sabia porquê que tinham trazido e eles disseram que é para quando eu tiver o meu filho poder pô-lo lá, para poder levá-lo às costas. Perguntaram-me também da *banda*, é um *panu di pinti* pequenino branco. Eu não sabia para quê que servia e disseram que é para eu amarrar a barriga depois de ter o bebé (...)

S: Vais ter que fazer mais alguma cerimónia antes do bebé nascer?

J: Não, não... Mais nada. Aquilo que tinha que fazer já fiz. Era do cabaz. Era de *leba* cabaz, fizeram a cerimónia e já acabou. Agora só estou à espera do parto... Se vou ter bem o bebé... Se Deus vai-me ajudar... Com a ginástica toda que estou a fazer acho que Deus vai ajudar-me a ter um bom parto!

S: Então e como é que foi descobrir que estavas grávida?

J: Eu não sabia que estava grávida, porque eu nunca estive grávida. Olha, eu estava de férias em casa da minha tia, logo tomava banho com a minha prima todos os dias e disse-lhe “O meu período ainda não veio.” E ela perguntou “ainda não veio? Mas olha as tuas mamas estão inchadas” e eu disse-lhe “não, não tenho nada”. Ela perguntou-me “tu não estás grávida?” e eu disse-lhe “não aconteceu nada, eu não estou grávida”, porque eu não sabia! Eu nunca estive grávida! Passou Agosto e eu comecei a cuspir, a cuspir e eu disse-lhe “o meu período continua sem aparecer” e ela disse-me “tu estás grávida! Vamos ao hospital.” E eu disse-lhe “não eu não tenho nada, eu não estou grávida.” Chegamos a metade de Setembro e eu disse-lhe “o meu período ainda não veio” e ela disse “temos que ir ao hospital”. Fomos ao hospital e foi aí que fiquei a saber que estava grávida. Comecei a chorar, não sabia o que fazer e liguei ao Luís... Disse-lhe que o meu período não tinha vindo e ele perguntou se eu tinha ido fazer o teste, eu disse-lhe que sim. Ele disse para irmos outra vez juntos e fomos. Fiquei a saber que estava grávida de um mês e alguns dias. Eu disse-lhe que tinha medo do meu pai e da minha mãe... Como é que íamos fazer? Eu tinha que tirar, não podia ficar com o bebé, porque senão podiam expulsar de casa e essas coisas assim... Ele disse-me que é contra o aborto, que não queria que eu tirasse. Ele é contra o aborto desde sempre. E eu perguntei-lhe o quê que eu podia fazer, tendo em conta que eu tinha medo dos meus pais. Se me expulsassem onde é que eu iria ficar? Na rua? Ninguém ia aceitar acolher-me. Ele disse que tínhamos que procurar outra solução mas que eu não ia tirar. Ficámos assim... Foi assim que ficámos e deixámos arrastar até fazer quatro meses, quase cinco e só aí é que descobriram lá em casa. A minha tia disse logo que eu não ia ter. Tinha que tirar porque ainda sou uma criança e estou a estudar. Ele é um homem formado e precisa também de uma mulher formada. Porque assim não dá, ele é mais velho do que eu, percebes? Só que ele disse que não, que ele ia assumir todas as responsabilidades... Mas a minha tia disse “Não! Tinha que tirar.” O Luís e a irmã, Maria, é que foram lá a casa nesse dia... A minha tia continuava a insistir que eu tinha que tirar e acabou por desmaiar (ri-se).

S: Desmaiou?!

J: Sim, foi a irmã do Luís que a segurou. Ela tinha ido para a rua e eu pensava que ela tinha ido fumar cigarros. Mas ela saiu e foi andando, só que a Maria reparou que ela não estava bem e saiu atrás dela. Quando chegou ao pé dela e segurou-a, o corpo já estava a cair, os braços já estavam para trás. A Maria segurou-a e falou inglês com ela, a falar e a passar-lhe a mão pela cabeça, até que a minha tia ficou melhor. A reunião acabou por ali. No dia seguinte fomos todos ao hospital, disseram que faltava uma semana para os cinco meses e por isso já não podia tirar. Era muito arriscado e se eu quisesse tirar à mesma ele tinha que fazer uma declaração para eu assinar. O médico não queria fazer isso porque ia arranjar problemas para ele... Acabaram por me deixar... A minha mãe só chorava, ela não dizia nada, a minha tia é que estava a falar com a minha irmã... Acabaram por deixar... A minha tia chamou o meu pai para poder contar-lhe. O meu pai disse que não ia falar com o Luís, nem com ninguém da família do Luís até que tomassem uma decisão. Quando eles decidissem algo certo então aí ele vai e senta-se com eles para conversar. Estás a ver, só no dia de *leba cabaz* é que ele sentou-se com a família do Luís, para acordarem o que era para fazer... Uma coisa certa... Foi assim que aconteceu...

S: E para ti?

J: Hum?

S: E para ti? Porque estás a contar-me o que a tua tia sentiu e o que o teu pai sentiu, mas e tu?

J: Eu própria... Eu não queria... Eu queria tirar e não queria tirar... Estava com medo. Ficava a pensar, se tirar será que não vou morrer? Essas coisa assim. Depois pensava, “não! É melhor ter”. Só que logo a seguir pensava como é que eu vou ter? Eu tenho medo... Como é que eu vou ter? Eu que sou assim pequenina, por onde é que o bebé vai sair? Estas coisas todas passavam-me pela cabeça. Ficava a pensar “Será que Deus vai dar-me força, para conseguir ter um bom parto?”... Fico a imaginar estas coisas todas... Fico com medo... Agora nestes últimos tempos então ainda tenho mais medo. Fico a ver a minha barriga e a perguntar como é que ela está tão grande assim? Como é que vou ter a criança? Isso é que me preocupa. Queria que a minha mãe ajudasse nesta parte... Não sei... É uma coisa que nunca aconteceu comigo... (ficou em silêncio)

S: E como é que tem sido para ti o crescer da barriga... Sentir o bebé?

J: Tenho vivido bem com isso. Não me dá dificuldades... Nada, sinto-me bem... (fica em silêncio) Só houve uma vez em que doeu-me a barriga durante a noite. Nesse dia também comi demais! Depois comecei a chorar, não conseguia dormir... Doía-me a barriga. Também

nunca mais, agora como sempre normalmente. Eu antes começava a comer e parecia que não estava a comer, então comia e não parava até sentir que estava cheia. Comia, comia, comia... Quando parei de comer é que percebi que afinal estava tão cheia que não sabia o que havia de fazer! A barriga até estava apertada! Comecei a chorar... Não consegui dormir até às duas e tal da madrugada e acabei por levantar-me, até ficar bem e normal e conseguir deitar-me novamente... (silêncio)

S: Tu estás a ser acompanhada aqui em Bissau ou no Senegal? O Luís disse-me que tu vais para o Senegal...

J: Sim... Ele disse para eu ir, estou só à espera que passem as eleições lá para poder ir. Eu disse-lhe que a barriga está muito grande... Não sei se vão deixar-me viajar assim de avião. Eu disse-lhe se ele quer que eu vá então tem que tratar de tudo rápido... Se não conseguir tratar então ele que deixe e eu tenho o bebé aqui em Bissau... É normal... (silêncio)

S: O quê que tu queres? Queres ter aqui ou no Senegal?

J: Eu acho melhor no Senegal... Mas o que tiver que vir virá... É normal... (silêncio)

S: Mas o quê? No Senegal tens melhores condições no hospital do que aqui? É que eu não sei por isso é que estou a perguntar...

J: Claro... É que aqui em Bissau se não tiveres condições, se estiver a doer-te a barriga, deixam-te e não cuidam de ti. Mesmo que estejas a ter a criança não cuidam de ti, se não deres dinheiro... Se for para morreres, vais morrer com o teu filho... Quando estão a atender-te, imagina estás a ter o filho na marquesa e começam a dizer-te “*padi rápido! Ah Djanti!*” (dá à luz rápido, despacha-te!). “Quando estavas a fazer o bebé não te lembraste, agora é que estás para aí a reclamar”. Isso é o que te dizem no hospital. Não têm paciência com as grávidas... Ficam só a dizer “Faz força!” e assim... Dizem-te um monte de coisas... É mais por causa disso.

S: Ah... então percebo porquê Senegal (rimos)

J: No Senegal não sei como é que é, mas em Bissau tratam assim as grávidas... No Senegal não sei se tratam melhor as pessoas, não sei... Mas aqui em Bissau? Hmmm é difícil! É mesmo difícil... Não te tratam bem... A pessoa que vai segurar no bebé para tirar (na altura do parto) às vezes nem sabe fazê-lo, não sabe segurar bem. É como esta minha tia, irmã mais nova da minha mãe, quando ela estava a ter o bebé não sei o que puseram lá dentro...

S: Os ferros?

J: Yah, puxaram o bebé e racharam-lhe a cabeça... O bebé saiu magoado... Só Deus é que ajuda no parto em Bissau... Não há outra maneira... Também por causa das condições...

As pessoas passam por muita coisa... Podem ter um bom parto e pode o bebé sair mal, tirarem mal... É Deus quem ajuda... (silêncio e com ar preocupado)

S: A ginástica que fazes, fazes o quê?

J: Em casa é que faço, não vou a lado nenhum. Faço assim, corro um bocado, abaxo-me, levanto-me.

S: E andas a pé? Também dizem que ajuda...

J: Nestes últimos tempos os meus pés incharam... Também há uma dança... Como é que se chama mesmo... Há um filme que a minha amiga fez de mim a dançar kuduro. Dancei do início ao fim, ela gravou no telemóvel depois vou passar para o portátil do Luís. Acho que tinha cinco meses ou quê... Quando vejo mal posso acreditar que sou eu! Dancei tanto! Quem viu deve ter pensado “*es i rijo cabeça*” (teimosa). Agora com oito meses fui nadar! As pessoas ficavam a olhar para mim admiradas... Não conseguia nadar, então fiquei na borda a boiar... (silêncio)

S: Tiveste que mudar alguma coisa na tua vida desde que engravidaste?

J: Mudou sim... Porque agora sinto-me... Sinto-me complexada... Sinto-me complexada quando estou com as pessoas... Naquela altura não queria sequer sair à rua... Não queria que as pessoas me vissem... Iam começar a dizer “Olha, esta está grávida! É uma criança... E não sei quê...”. Eu não saía à rua... Agora é que estou mais à vontade... As minhas amigas encorajam-me para sairmos juntas. Elas dizem “Se isto fosse noutra parte do mundo seria uma alegria! Uma coisa inesperada... Mas aqui em Bissau é que ficam a falar nas costas, olhar de lado e comentar. Tens só que saber o que queres fazer, não liguas ao que as pessoas dizem. Tu já estás grávida. Deus quis assim, não há nada a fazer... Tens só que ser responsável porque aqui tens que ser responsável, para seres mãe!”. (silêncio) Deves estar a pensar que tenho que tirar estas criancices da cabeça... São coisas de criança...

S: Não... Aí está, qualquer pessoa que engravide é normal que passe por uma série de medos e de questões que surgem... Faz parte. Quer dizer... Eu pelo menos acho que sim (rimos as duas). Pelo que sei, pelo que acompanho, faz parte...

J: Nunca tiveste um bebé?

S: Não.

J: Ahhh...

S: Mas é o que eu digo, adoro crianças... Não para já, mas quero.

J: Tens que ter para “*n ba ta amau bebé*” eu poder cuidar/amar (d) o teu bebé.

S: Hmmm... Ou brincar (continuamos a rir)

J: Sim para poder brincar com ele... (silêncio)

S: E os preparativos?

J: Ainda não preparei nada... Estou só à espera do Luís... Não está nada preparado.

S: Então?

Como ficou um pouco tensa e constrangida, lembrei-lhe que a entrevista e os nossos encontros seriam utilizados para a realização da tese, não passando qualquer tipo de informação pelo Luís (que foi quem nos pôs em contacto)

S: Mas então, ainda não tens nada preparado porquê?

J: Nada... (silêncio)

S: É complicado?

J: Mesmo a sério... (silêncio)

S: Mas já tens uma roupinha... ou...

J: Tenho, três ou quatro roupinhas... Trouxeram-me de Portugal, uma amiga minha mandou-me. Com dois sapatinhos pequeninos (riu novamente). Engraçado. (silêncio e ar pensativo)

S: Eu quando vejo roupas de bebé fico a sonhar com o bebé... Pequenino tão giro...

J: O Luís disse que “A gravidez está na moda...”, perguntou se eu também estou na moda e eu perguntei-lhe se não podia estar na moda! Se tinha que estar como uma *mindjer garandi*, sentada em casa, preocupada com a minha vida... Eu disse-lhe que isso não vou fazer... (silêncio) Olha aqui, aqui foi quando fui à piscina grávida de oito meses (começou a mostrar-me fotografias com as amigas)

S: Mas ele tem acompanhado a gravidez?

J: Quem?

S: O Luís?

J: Sim... (continua a mostrar fotografias) Mas não fui à consulta quando estava de sete meses... O Luís gosta muito de mudar. Eu costumava ir ao médico aqui... Tirou-me de lá e disse que tinha que ir a outro sítio... Fui lá só uma vez e nem tive consulta... Agora já passaram dois meses e não fui à consulta... Nem fui ao médico... Não sei sequer se posso tomar algum remédio... Só a ecografia é que fomos fazer, mas não deu para ver o sexo... Eu tenho que ir à consulta, até por causa do peso, eu devia ir controlando essas coisas assim... É

muito bom... Mas o Luís gosta muito de andar de um lado para o outro. Eu digo-lhe só que estou à espera para saber o que ele tem a dizer... (silêncio)

S: Ontem foi o quê, ecografia?

J: Não, foi a declaração para poder viajar... Onde fizemos a ecografia só lá fomos uma vez, nunca mais voltámos. E depois ele queria que fosse pedir a declaração para viajar. Eu fui e eles disseram que como não acompanharam a minha gravidez não podiam responsabilizar-se. Se fosse alguém que eles tivessem acompanhado desde início passavam, mas assim não... Tinha que ir ao sítio onde estava a ser acompanhada. Eu liguei, para o Luís, e disse-lhe que ele tinha que conseguir a declaração. Ele falou com o amigo e eu disse-lhe que assim era melhor porque era mais rápido... Se for para eu ir não há problema, mas se for para ter cá também não há problema, é normal. Ele disse-me só que estava tudo bem e que ia ver... (silêncio)

S: E quem é que vai para o Senegal contigo?

J: Eu quero ir com a minha mãe. Nem que ela vá de barco e eu de avião. Por causa do parto, ela sabe como é que é. Já teve filhos... Ela disse que quer ir comigo mais por causa dos pontos... Aquele sangue... Para ela poder tirar a minha cueca e lavar... Não quer que seja outra pessoa a fazer-me isso. Porque ela é que é minha mãe ela é que quer fazer-me tudo. Se os pontos estiverem a cair ela é quem vai saber tirá-los bem... Sentar-me na água quente e fazer-me essas coisas assim... Não quer que ninguém me faça isso, por isso é que ela quer ir... Nem que seja de barco ela quer ir... Ela quer ir cuidar de mim... Eu disse-lhe está bem... (fica pensativa e em silêncio)

S: Parece-me que estás em baixo... Que não estás muito contente...

J: Eu? (suspira) Mas estou... (silêncio)

S: Vai correr bem, vais ver que sim!

J: Se Deus ajudar...

S: Vai ajudar (rimos; silêncio)

J: Preciso de força... Coragem... Quando me deito à noite fico a pensar... Como é que será? Vou ter que fazer um esforço... Ai... Será que vou conseguir? E digo Deus vai ter que me ajudar! Fico a pensar em muita coisa... (silêncio)

S: Está bem... (preparava-me para encerrar)

J: O Luís diz que quer rapaz, eu quero menina!

S: E se saírem dois? (começámos a rir muito)

J: Aiiii... Matas-me agora! Credo! Um só!!! Credooo!!! Não podem ser dois! Se forem dois ele mata-me! Como é que iríamos fazer? Aí não sei o quê que Deus quereria... Quero só uma menina... Uma menina é só o que eu quero... Ele diz que quer menino. E eu disse-lhe “hmmm... Eu rezo todos os dias de noite antes de dormir! Então Deus vai estar mais comigo do que contigo... Se eu tiver um rapaz vou-me zangar com Deus!” Ele riu-se imenso, disse que ele só sabe que quer um rapaz. Eu disse-lhe vamos esperar e vamos ver quem é que Deus vai ouvir, porque eu rezo!

S: E já pensaram em nomes?

J: Não... Ele é que ficou de pensar nos nomes, ele é que vai escolher o nome. E eu disse-lhe tudo bem... Eu só pensei em juntar os nossos nomes... E ele disse que não quer assim. E que só vai pensar em nomes de rapazes. E eu disse-lhe muito bem, quando nascer dizemos só que é tua filha, mas que não tem nome. Ele disse que não há problema... Eu disse-lhe quando escolheres diz-me...

Fomos interrompidas por uma das primas e tive que acabar com a entrevista, despedindo-me de toda a família e ficando de marcar um novo dia para a entrevista seguinte e aplicação da prova.

Anexo D – Reflexão após a entrevista de dia 20 de Março

A Júlia acompanhou-me até perto de casa, afirmando que lhe iria fazer bem caminhar um pouco. Quando nos despedimos vim para casa a pensar que o contacto directo e pessoal tinha sido completamente diferente do telefónico. Após os primeiros dois telefonemas fiquei com a impressão que ela não estaria muito interessada em realizar a entrevista, mas depois da nossa conversa percebi que o entrave na nossa comunicação era mesmo a língua. Achei curiosa a forma como nos encontrámos, o facto de vir acompanhada da tia que me foi examinando com o olhar enquanto ia questionando as minhas intenções e a finalidade da entrevista. Apercebi-me de que não estavam completamente à vontade com o meu interesse em realizar a entrevista, o que é compreensível uma vez que não me conheciam e não tinham percebido a real razão para a minha presença.

A entrevista foi feita com algum ruído de fundo, estavam algumas pessoas em casa e conseguíamos ouvir as vozes vindas das várias divisões. O facto de termos ficado numa sala com ligação directa para a cozinha também contribuiu para a existência destes estímulos externos, no entanto Júlia pareceu-me completamente à vontade com todo o movimento à nossa volta. Acabei por descontraír e conversar livremente, procurando conhecê-la melhor. Em alguns momentos senti-a tensa, parecendo que não se sentia à vontade para falar, principalmente quando falávamos do Luís.

A imagem com que fiquei foi de uma jovem simples, preocupada e de certo modo assustada com o momento do parto.

Anexo E – Transcrição da Segunda Entrevista – Júlia

27 de Março

Encontrei algumas dificuldade na marcação do segundo encontro com Júlia, uma vez que a viagem acabou por ser antecipada, o que consequentemente resultou numa menor disponibilidade para um novo encontro. Foi na noite anterior à sua partida que pude aproveitar a boleia de Luís, que ia buscar as malas para tratar do check-in, para poder falar um pouco com Júlia e aplicar a prova.

Ao chegar fui apresentada à família, pais e irmãos. Estavam todos sentados a ver televisão e à porta da sala ficavam os sapatos. Tal como a tia tinha feito, o pai questionou o porquê destas entrevistas. Sugeriu que nos reuníssemos ali mesmo, mas expliquei que neste segundo momento seria necessária a aplicação de uma prova e para a realização da mesma era necessário um local mais tranquilo que permitisse a concentração e descontração de Júlia.

Dirigimo-nos então para o seu quarto e apesar da porta estar fechada, conseguimos ouvir a televisão.

Expliquei no que consistia a prova e dei as instruções. Durante a aplicação da prova, fomos interrompidas pela irmã mais velha que entrou no quarto e começou a escrever numa agenda perto de nós. Pouco depois já estava de pé junto à irmã a observar muito curiosa os cartões e a preparar-se para responder. Expliquei-lhe que a aplicação era individual e que naquele momento só necessitava das respostas de Júlia, mas que teria todo o prazer de lhe mostrar os cartões assim que acabássemos. Ela acenou, compreendeu e acabou por sair do quarto.

Ao contrário de mim que fiquei um pouco incomodada com a presença de uma terceira pessoa no quarto, com medo que isso condicionasse as respostas, Júlia pareceu totalmente à vontade reagindo à presença da irmã naturalmente. Pelo que pude observar não houve hesitação ou procura de confirmação nas respostas dadas durante a presença da irmã no quarto, continuando a responder sem qualquer tipo de entraves.

Como não tínhamos muito tempo para conversar aproveitei no final da aplicação da prova para saber como é que ela se sentia agora que estava tão próxima da partida, no entanto a conversa não se prolongou.

S: Como é que te sentes agora que estás quase de viagem?

J: Aiii... Estou cansada... Cansaço é o que sinto... Estive o dia todo a arranjar o cabelo.

S: como é que sentes, agora que vais para Dakar para os preparativos finais?

J: Ah... sinto-me bem. Como não conheço, quero conhecer! (responde entusiasmada) Quero só chegar e conhecer! (silêncio)

S: O quê que imaginas?

J: Hmmm?

S: Como é que imaginas?

J: Quando chegar a Dakar?

S: Hmm hmm.

J: Imagino-me a passear na cidade... Para conhecer a cidade... Essas coisas assim... Conhecer os supermercados, as lojas...

S: E o teu bebé?

J: Aiii! O dia em que ele chegar... O dia em que tirar este encargo isso é que me preocupa... Nisso penso todos os dias... Para chegar bem... Para no dia do parto correr tudo bem... (fica em silêncio e depois suspira)

S: Menino, menina?

J: Ai, menina! Não quero menino! Mas tudo é destinado por Deus... O que me der agora só... Espero que esteja do meu lado... Acabámos?!

S: Podemos acabar...

J: Podes arrumar então?

S: Sim...